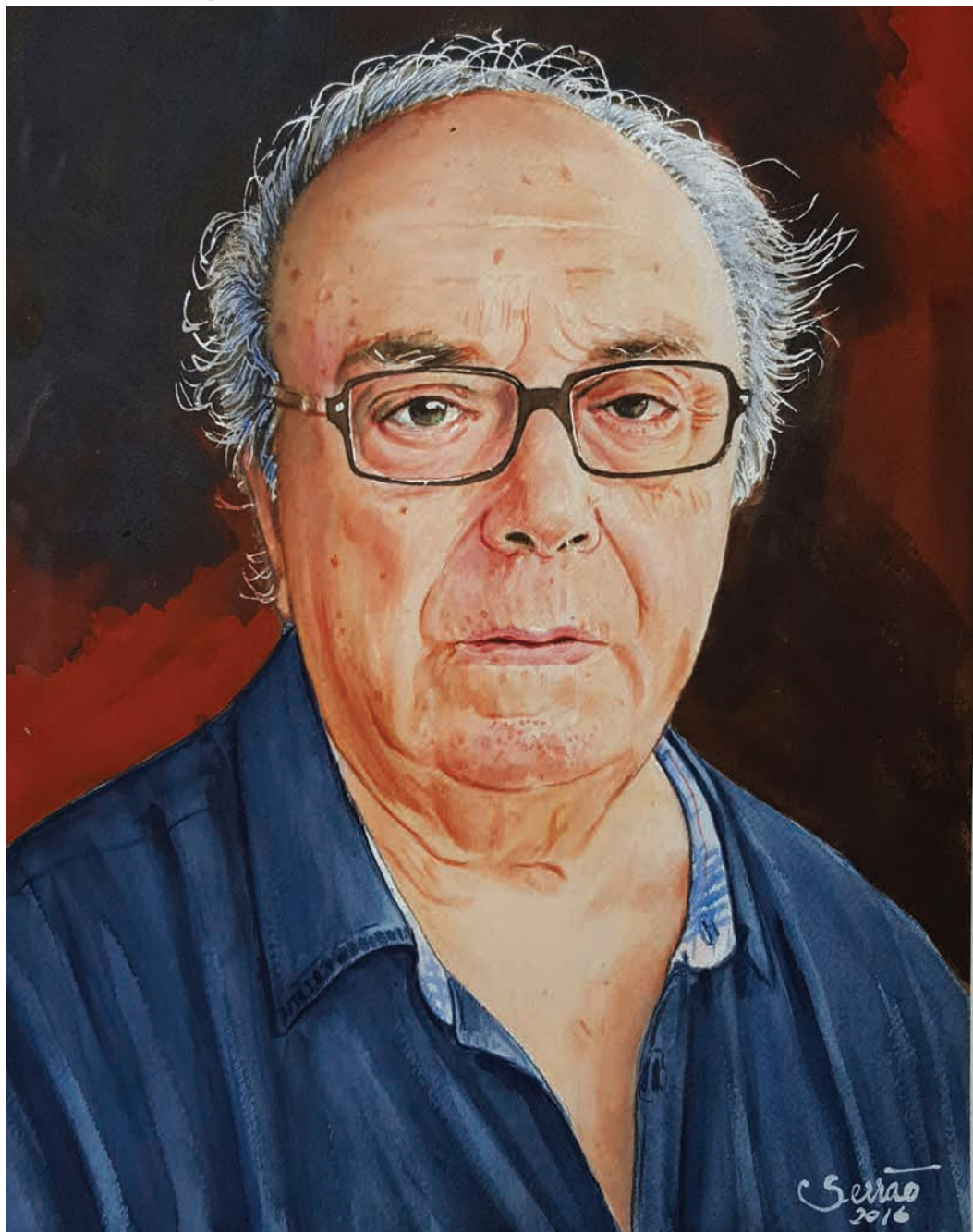


A Voz de Paço de Arcos



JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DA VILA DE PAÇO DE ARCOS E DAS LOCALIDADES CIRCUNDANTES
FUNDADO EM 1979 POR ARMANDO GARCIA, JOAQUIM COUTINHO E VÍTOR FARIA

Diretor: José Serrão de Faria | Bimestral | N.º 7, Outubro de 2016

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

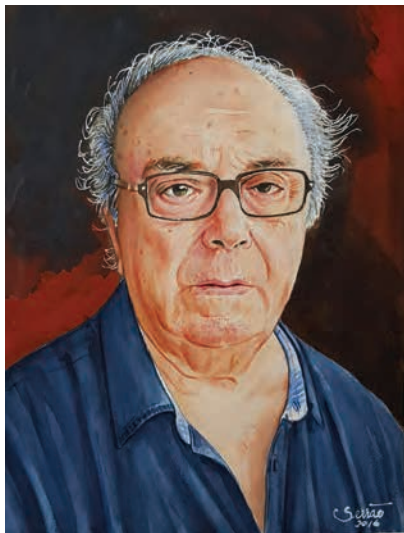
ESTATUTO EDITORIAL

1 – A VPA é um jornal bimestral de informação geral na área da cultura e da língua portuguesa, em particular na defesa dos interesses dos habitantes da vila de Paço de Arcos e das localidades circundantes.

2 – A VPA pretende valorizar todas as formas de criação e os próprios criadores, divulgando as suas obras.

3 – A VPA defende todas as liberdades, em particular as de informação, expressão e criação. Ao mesmo tempo, afirma-se independente de quaisquer forças económicas e políticas, grupos, lóbis, orientações, e pretende contribuir para uma visão humanista do mundo, para a capacidade de diálogo e o espírito crítico dos seus leitores.

4 – A VPA recusa quaisquer formas de elitismo e visa compatibilizar a qualidade com a divulgação, para levar a informação e a cultura ao maior número possível de pessoas.



FICHA TÉCNICA

PROPRIEDADE: Associação Cultural “A Voz de Paço de Arcos”

SEDE: Rua 1º de Maio, 6-A, 2.º Dto. 2770-140 Paço de Arcos

N.I.F.- 513600493 | **E.R.C. nº** 126726

DIRECTOR: José Serrão de Faria

DIRECTOR-ADJUNTO: José Manuel Marreiro

SUBDIRECTOR: Maria Aguiar

EDITOR: José Lança-Coelho
jlanca-coelho@sapo.pt

COLABORADORES: António M. Santos; Carlos Beloto; Edgardo Xavier; Eduardo Faria; Fernando Marques; Graça Patrão; Helena Reis; J.C.; João Vasco; José Lança-Coelho; José Marreiro; José Serrão de Faria; Júlio Viegas; Luís Álvares; Luísa Manaças; Maria Aguiar; Maria Clotilde Moreira; M.G.; Maria João Catalão; Mário Silva; Ondina Pires (Fotografia); Quilhosa Balsas; Rosângela e Silvino Valente

Capa: Aguarela de Serrão de Faria

Paginação: Andreia Pereira

Impressão: www.artipol.net

Tiragem: 2000 exemplares.

Facebook:

www.facebook.com/avozdepacodearcos

Redacção e Administração: Sede

Publicidade: josemarreiro@gmail.com
Tel.: 919 071 841 (José Marreiro)

Depósito Legal: 61244/92

Retrato de Armando Caldas, *Aguarela de Serrão de Faria*



Este nosso número de «A Voz de Paço de Arcos» é dedicado a Armando Caldas, um grande homem de teatro, actor e encenador.

Fundador do «1º Acto», em Algés, ainda antes da Revolução de 25 de Abril de 1974, que restituiu a Liberdade

e a Democracia ao país, tendo tido graves problemas com a famigerada PIDE de má memória, que lhe vigiava os espectáculos, procurando obter informações acerca da identidade dos frequentadores do pequeno teatro de bolso, e com a Censura dos coronéis do lápis azul, que lhe cortava partes significativas dos textos a representar; Armando Caldas, veio depois da noite

redentora, a constituir nova companhia com o nome de «Intervalo», que actua no Teatro Lourdes Norberto, em Linda-a-Velha, palco por onde têm passado peças dos grandes nomes da dramaturgia nacional e internacional. São, também, de referir as interessantes «Semanas Culturais» que, leva a efeito, anualmente, na chamada «rentrée», onde homenageia vultos de todos os campos da cultura e do espectáculo. Muito havia a dizer deste homem que respira teatro, mas como o espaço escasseia, aqui ficam os nossos votos para que continue a sua meritória obra, por muitos e bons anos. Obrigado Armando!

A fechar, uma palavra de pesar pelo falecimento do Capitão Mário Wilson, capa e assunto do nosso número 2, a cuja família, «A VPA» apresenta as suas condolências. (ver texto de homenagem no interior da revista).
José Lança-Coelho

(O) Teatro é (a) vida

O lugar dos que vibram
é no Palco
- onde tudo acontece,
de onde saem vozes, gestos, atitudes
que comandam a Vida
e a injetam
nessa imensa Plateia que é o Mundo.

Se assim não fosse
quem se importaria
que a pena do dramaturgo,
a leitura do encenador
ou o grito pujante do ator
ecoassem no espírito do público
e eventualmente gerassem nele
ousadas reflexões?

[Também eu, Armando, em muito jovem
percorri palcos e foi ator em peças que

(Homenagem lírica a Armando Caldas)

mordiam
na paz envelhecida que reinava
- e que, bem sei, te perseguiu...
(A mim, o gozo que me dava!...
P.Q.P...]

Quase sessenta anos de Teatro!!!...
Caramba!
Vividos com teimosia, com paixão,
com a força dos que cedo escolhem o
caminho
e, não sabendo outro modo de viver,
se obrigam a cumpri-lo!

*(O Teatro é o sangue que te corre nas veias -
e a melhor homenagem que se pode fazer-lhe
é fazer como tu: senti-lo!)*
António Manuel dos Santos

Como conheci Armando Caldas

Estávamos no fim dos anos 60, quando comecei a frequentar o **Primeiro Acto** – Grupo de Teatro. Fui pela mão duma amiga, moradora em Algés, que me entusiasmou, por saber a minha consciência política, herdada do meu Pai, um republicano e antifascista que conhecia bem o sistema que oprimia a população deste país. Lá conheci o jovem impulsionador e figuras como o Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, o músico Jorge Peixinho, o jornalista e poeta Fernando Assis Pacheco, o próprio Sarago, o homem de teatro Jorge Listopad, o jornalista Correia da Fonseca, felizmente ainda entre nós e tantos outros anónimos, tal como eu, que ansiavam por aquele convívio onde a palavra mais ouvida e bastas vezes repetida era a **Liberdade!** Estas gerações, não supõem o que se experimentava ali naquele espaço, sempre apinhado! Era um misto de cumplicidade e de medo, mas também de solidariedade! A tal adrenalina, palavra que está agora tanto em voga nos desportos radicais, apossava-se de nós, mesmo sabendo que os Pides podiam entrar a qualquer momento e enfiarem-nos na “ramona” a caminho da António Maria Cardoso, mas... nós, não desarmávamos, pois não Armando? Muitos anos mais tarde, (anos 90), já como Diretor e Encenador do **Intervalo Grupo de Teatro** e que entretanto assentara arraiais no Palácio Ribamar, conseguiu com a sua persistência conquistar e

fidelizar o público de Algés e não só, com o êxito que atingiam os espectáculos apresentados. Quer fossem comédias ou peças mais formais, todas agradavam aos expectadores... Quantas vezes lá fui com a família!

Naquela tarde de 1994, quando o telefone tocou, estava longe de... Recebia eu, um convite do Armando Caldas para participar numa peça que estava a preparar para a Companhia.

Comecei por dizer que devia haver certamente alguma confusão, pois não tinha experiência, nem idade para integrar o elenco.

Não poderei nunca esquecer o privilégio que ele me ofereceu, numa das suas melhores produções (sem manias), que foi **Lorca-Espanha-Cumplicidades**. O saber e o entusiasmo que põe em tudo o que faz a par da paixão e a entrega, re-

cheadas de teimosia e por vezes obstinação.

É pela amizade que nos une, que estas linhas, saíram directamente do coração para o papel. Um beijo agradecido pelos bons momentos que tenho vivido junto deste Amigo.



Maria Aguiar

Armando Caldas e os diários

Armando Caldas iniciou-se no teatro como actor, actividade que exerceu durante longos anos, para depois se dedicar à encenação, sendo ele que coordena o grupo Intervalo, que já se chamou 1º Acto – Clube de Teatro, e que está sediado no teatro Lurdes Norberto, em Linda-a-Velha.

Conheci-o durante a «Primavera Marcelista» e, desde essa época, que, regularmente, acompanho as peças que tem levado à cena. Tive também a honra de ser convidado para participar com o meu testemunho no livro, com que a Câmara Municipal de Oeiras, homenageou este homem ligado à actividade dramática.

Porém, o que me leva hoje a evocá-lo, prende-se com o facto, de ter voltado a ler os Cadernos de Lazarte de José Saramago. Na verdade, ao ler o primeiro destes Diários, vim encontrar no dia 4 de Junho de 1993, o que o futuro Nobel da Literatura, pois só ganhará o Prémio em 1998, escreve acerca do nosso amigo comum. «Estava, posto em sossego, na Feira [do Livro], a assinar os meus livrinhos quando se me chega o Armando Caldas que, passado um bocado, começa a contar uma história. Que ele e o seu grupo de teatro – o Intervalo – participaram na organização da homenagem ao Manuel Ferreira, essa mesma para a qual, a pedido da Orlanda Amarílis, escrevi um pequeno texto. Que, como tudo custa dinheiro, e cada vez mais, pediu à Secretaria de Estado da Cultura um subsídio, cujo, milagre dos milagres,



foi concedido. Mil contos, melhor que nada. Credo ser de boa diplomacia, o Caldas lembrou-se de colocar uma cereja no bolo, isto é, pedir também ao Santana

Lopes uma declaração para ser lida na homenagem, sem pensar que o dito Lopes poderia, por sua vez, lembrar-se de lhe pedir a lista das pessoas que igualmente tinham sido convidadas a escrever. Vinte e quatro horas depois de comunicados os nomes – Maria Velho da Costa, António Alçada Baptista, Urbano Tavares Rodrigues e o criado de Vocências – recebia o desolado Caldas a notícia de que o subsídio tinha sido cancelado.



Causa? Não foi dita. Parece que mais tarde a Secretaria de Estado quis emendar a mão, prometendo 300 contos, mas aí o Armando Caldas encheu-se de brios e mandou-os passear. Com dinheiros arranjados aqui e ali, a homenagem não deixaria de se fazer. E agora a pergunta: o que foi que levou o Lopes a cancelar o subsídio e a não escrever a declaração? Receio de chamar ao Manuel Ferreira o escritor da



Terra Nova, que também é ilha? Ou, como é mais provável, nojo de misturar-se com os declarantes, de aparecer ao lado de um deles? E qual, se é este o caso? Fátima? Não creio. Alçada? Tão pouco. Urbano? Duvídeo. Eu? Sendo o Lopes aquele bom católico que conhecemos, o confessor deve saber...» (José Saramago, Cadernos de Lanzarote, I, pp. 53-54)

Depois do Diário de Saramago, atente-se no que escrevi no meu modesto «Diário Irregular», ainda por publicar, em que sou dois, - guilherme revolto um velho anarquista que só usa a letra minúscula e escreve sem qualquer pontuação, e o registado José Lança-Coelho, já que não sou baptizado nem professo qualquer religião - acerca de Armando Caldas: «monte do carrascal alentejo 16 out 98 – deixei o campo para vir ao teatro 1º acto que agora é intervalo aplaudir Saramago ouvi o urbano tavares rodrigues ler-lhe um elogio literário seguiu-se uma comunicação do armando caldas dizendo que o homem não podia aparecer pois estava no porto na cimeira ibero-americana fiquei-me com a peça do ibsen guilherme revolto», «Linda-a-Velha, 18 de Abril de 1999 – O Armando Caldas fez, mais uma vez, o favor de nos arranjar dois bilhetes para o teatro, mais especificamente para «O Carteiro de Pablo Neruda», peça soberba no que respeita ao texto e à encenação. Achei-a muito melhor que o filme, no que respeita à denúncia dos horrores do fascismo chileno, do assassinato de Allende e à ascensão do criminoso Pi-

nochet, que, continua retido em Inglaterra. Reencontro com Eunice Muñoz, amiga de longa data e, André Gomes (o Pablo Neruda), antigo colega do curso de Filosofia da Faculdade de Letras, que ainda se lembrava deste escriba obscuro. Dei os meus modestos parabéns a Joaquim Benite pelo engenho do cenário, simples, mas soberbo, todo feito com portas.

E assim terminou mais uma tarde de teatro proporcionada, por aquele que considero um grande amigo, o Armando Caldas.»

José Lança-Coelho

Respirar Teatro e “dar-se”

Para se dedicar uma vida a algo é preciso amá-la.

Para se dar aquilo que se ama é preciso amar os outros.

Para se ter tantos amigos é preciso merecê-los.

Para se pôr em cena as perguntas que o TEATRO contém é preciso entender as respostas.

Para se gerirem os “egos” das “vedetas” é preciso ter a humildade de as entender.

Para se transmitir a importância do colectivo é preciso demonstrar-lhes que o TEATRO é um todo.

Para se “descobrir” o potencial de cada um é preciso saber onde o encontrar.

Para se decidir o que é importante em cada momento é preciso estar atento em todos os momentos.

Para se ensinar a “voar” é preciso não limitar o “vôo” e deixá-los partir se a liberdade os chamar para outros poisos.

Entendendo tudo isto, atingir-se-á o objectivo de uma vida a construir, a viver, a “dar” TEATRO como quem respira.

O Armando entendeu-o desde sempre. Bem hajam por isso. Um beijo irmão do Fernando Tavares Marques.



Homenagem a dois capitães inesquecíveis

O dia 5 de Outubro de 2016 ficará para sempre na minha memória, pelo facto de, nesse dia, ter homenageado dois enormes Capitães, embora em sectores diversos, da lusofonia.

Referir-me-ei primeiro, ao capitão Victor Alves, um dos heróis do MFA que, com o seu gesto abnegado, pondo em perigo a sua existência, fizeram a Revolução de 25 de Abril de 1974, acabando com a ditadura fascista que vigorava em Portugal, desde o 28 de Maio de 1926, e restituindo ao país a democracia republicana, plebiscitária, resultante de eleições livres, numa palavra, a Liberdade.

Após a instauração da democracia, Victor Alves viria a ser Ministro da Educação, e eu, que fui professor trinta e três anos, tantos anos como os que viveu Jesus Cristo, nunca conheci nenhum ministro que defendesse tanto a classe dos professores, como este capitão de elite.

Foi, pois, no passado dia 5 de Outubro que, estive presente numa homenagem ao valeroso militar, feita pela Câmara Municipal de Oeiras que atribuiu o nome de Victor Alves a uma rotunda situada na Rua Calvett de Magalhães, zona alta de Paço de Arcos, em Oeiras, Concelho onde o generoso Capitão habitou, enquanto viveu.

A centenas de metros daquele local, realizava-se, ao mesmo tempo, o velório de outro grande capitão, que deu pelo nome de Mário Wilson (Sócio de «A Voz de Paço de Arcos» nº 135, honorário), a quem «A

Voz de Paço de Arcos» homenageou no seu número três, fazendo a capa com uma aguarela sua, executada pelo nosso director, pintor Serrão de Faria.

O capitão Mário Wilson, que militou no campo do futebol, mereceu este epitáfio por ser um bom condutor de homens, a que aliava uma generosidade e uma boa disposição, primeiro como jogador (Sporting e Académica de Coimbra), depois como treinador (Benfica, onde foi campeão nacional e ganhou a taça de Portugal por duas vezes, Belenenses, Académica de Coimbra, etc.).

Entre os muitos presentes no velório estava um antigo jogador da Académica, a quem ouvi uma história que, é a síntese perfeita da maneira de estar na vida do capitão Wilson. Contava o dito jogador que, uma tarde, após uma derrota por 9 a 1, a equipa dos «estudantes» estava ainda no

balneário, cabisbaixos, sem articularem palavra, sentindo-se as pessoas mais infelizes do mundo, quando o treinador, que não era mais do que o grande capitão Wilson, entrou e a primeira coisa que disse aos seus homens, foi o seguinte: «Eh pá, não estejam assim, os tipos queriam-nos dar dez, e não conseguiram».

A estes dois grandes Capitães, aqui deixo a minha sincera homenagem e a minha infinita admiração, extremamente grato por ter sido contemporâneo de tão insignes personagens.

José Lança-Coelho



Figura Notável

É com imenso pesar que, «A Voz de Paço de Arcos» assinala o desaparecimento de um grande vulto da Humanidade, que viveu grande parte da sua vida na vila de Paço de Arcos. O Professor Doutor António Baptista Fernandes falecido a 18 de Outubro do corrente ano, nasceu no Funchal, a 20 de Março de 1918, licenciou-se em Medicina em 1941. Cinco anos depois, tornou-se médico interno dos Hospitais Cíveis de Lisboa. Realizou vários estágios na Inglaterra, nos anos de 1948, 1949, 1954 e 1958.

Em 1961, fundou a Sociedade Portuguesa de Cirurgia Plástica, e também a ele se deve, a fundação da primeira unidade de queimados no Hospital Universitário de Santa Maria, onde também leccionou.

Em 1973, fundou a Clínica de Todos os Santos. Dez anos mais tarde, torna-se o primeiro professor de cirurgia plástica reconstrutiva e estética da Faculdade de Medicina de Lisboa. No ano seguinte,

1984, é o primeiro cate-drático da especialidade no nosso país.

Devido ao seu valor, e às mais de trinta mil cirurgias que realizou, recebeu a condecoração

oficial da Ordem do Infante D. Henrique, e a Medalha de Mérito da Ordem dos Médicos.

O Professor Doutor António Baptista Fernandes reuniu um acervo documental médico-científico, cujo destino será um museu com o seu nome.



José Lança-Coelho

É com pesar que «A Voz de Paço de Arcos», apresenta as suas condolências, à família enlutada de António Pedro Carmo, nascido a 17 de Novembro de 1963 e, prematuramente falecido a 5 de Setembro de 2016.



**NÚCLEO SPORTINGUISTA
DE PAÇO DE ARCOS**

BAR CONVÍVIO

**Ponto de encontro dos Sportinguistas
e amigos em Paço de Arcos**

Visite-nos, prove os nossos petiscos e acompanhe
com o nosso bom vinho ou cerveja bem gelada.

Rua de S. João, N.º 7 – ☎ 21 441 19 87

2780-713 PAÇO DE ARCOS

De Algés a Linda-a-Velha

Rotunda da Praça de Touros de Algés - Hotel Solplay - Linda-a-Velha, começamos este percurso pelo antigo mercado que é um dos mais frequentados do Concelho de Oeiras.

A sua localização, zona baixa de Algés, que é muito populosa e a proximidade dos transportes públicos dá a possibilidade de atrair muitos clientes de fora de Algés onde também a variedade e a qualidade dos produtos alimentares aí comercializados são reconhecidas.

A evolução do comércio afastou destas estruturas distribuidoras muitos dos seus clientes pelo que advieram tempos de crise e dificuldades. Para inverter a situação a Câmara Municipal de Oeiras seguiu o

comercialmente agressiva.

Passamos à Av. Combatentes da Grande Guerra, eixo central de Algés, com muitas lojas de ramos diversos. Aqui encontramos a cervejaria Relento que há décadas mantém a tradição de bom serviço como restaurante e marisqueira. Várias gerações recordam os seus famosos bifés.

Um pouco mais à frente surgem as instalações do centenário Club “Sport Algés e Dafundo”.

Durante décadas a população local, e das localidades circundantes frequentavam o Stadium, cinema, concertos, bailes e outros eventos. Hoje estas instalações estão



Mercado de Algés

exemplo já experimentado em Lisboa, de transformar uma parte do mercado em zona alimentar e de lazer, o que trouxe uma nova vida àquele espaço comercial.

Junto ao mercado temos a Padaria/Pastelaria Apapol, que há décadas fabrica e comercializa pão de todos os tipos, e tem acompanhado a evolução deste sector pelo que tem resistido à concorrência que é muita e



Antigo Mercado de Algés



Campo exterior e piscina do Sport Algés e Dafundo

a ser subaproveitadas realizando-se aí somente ensaios musicais.

Em frente, a livraria Espaço fundada em 1964 pelo Senhor Patrão, continua ao serviço da cultura mas, a debater-se com as dificuldades que o ramo atravessa.

Quem acompanhou a sua abertura recordar-se-á do impacto que teve na vida cultural de Algés. Há já alguns anos que se verificou uma mudança na gestão, iniciando-se novo período de actividade adaptada às novas circunstâncias do mercado livreiro.

Na rua Eduardo Augusto Pedroso, temos o Auditório Municipal Amélia Rey Colaço, onde, em 1969, foi fundado o 1º Acto Clube de Teatro. Os seus sócios atingiram o extraordinário número de cerca de 2000 contando entre eles grandes figuras da cultura portuguesa. Um dos fundadores foi Armando Caldas que se manteve na sua direcção até à sua extinção.

Armando Caldas, e um grande número de amigos transferiram-se para o auditório municipal, em Linda-a-Velha, actualmente denominado Auditório Municipi-

pal Lurdes Norberto, criando o Intervalo – Grupo de Teatro. Por esta verdadeira casa de cultura continua a passar a grande maioria dos grandes nomes da cultura portuguesa, desde os anos sessenta do século XX, nomeadamente os que não aceitavam o panorama cultural e político oficial do Estado Novo.

Durante este mês de Outubro tivemos a oportunidade de assistir à Semana Cul-



tural, evento que se repete há já 38 anos, sendo um dos acontecimentos culturais mais apreciados pelos seguidores da vida artística do Concelho de Oeiras.

Voltando ao Auditório Municipal Amé-

CASA JOÃO

DE JOÃO J. NICOLAU A. SANTOS

Máquinas de costura novas
e usadas

Malhas, Fanqueiro, Retroseiro
e Camiseiro

Rua Costa Pinto, 103 – Tel. 21 443 2256 – Telem. 93 970 4774 — 2780-582 PAÇO DE ARCOS

lia Rey Colaço, vimos que está em plena actividade onde António Terra desenvolve os seus projectos teatrais e de animação, com grande impacto nos públicos alvo, nomeadamente crianças e jovens.

Ao subir a Av. Miraflores começamos por encontrar uns edifícios, praticamente, em ruína, mas onde ainda funcionam uma oficina de trabalhar pedra e um armazém de vinhos. Estes edifícios, incluindo o vizinho antigo quartel dos Bombeiros Voluntários de Algés, aguardam o avançar do projecto de transporte por carril que ligará Algés à Falagueira, na Amadora.

Já na parte nova desta Avenida temos o novo Quartel dos Bombeiros e em frente o Pavilhão Desportivo Celorico Moreira, anexo à Escola de Miraflores. Após a ro-



Antigo Quartel dos Bombeiros

tunda, existe um belo espaço público, bem concebido e bem tratado, que proporciona aos residentes das urbanizações de alta qualidade vizinhas, a prática de desportos de

ar livre em óptimas condições. Paralelamente existe o complexo de piscinas e o ginásio que reforçam a oferta de recintos para a prática desportiva.

A segurança é um vector muito importante para a qualidade de vida dos cidadãos pelo que aqui também está presente esta componente através da PSP.

Os serviços de saúde são fundamentais para a população. São vários os que aqui se encontram – clínicas com diversas valências, consultórios, laboratórios, e não muito longe o Hospital de S. Francisco Xavier, que é o hospital e a maternidade



Parque Urbano de Miraflores



Pavilhão Desportivo Celorico Moreira

do SNS, que serve o concelho de Oeiras, pelo que merecerá a nossa especial atenção num próximo número de “A Voz de Paço de Arcos”.



Ribeira de Algés

Por falar em saúde, e em saúde pública, aplaudimos a próxima inauguração do Centro de Saúde de Algés que, depois de muitas polémicas e dificuldades está finalmente em fase de acabamento, graças à intervenção decisiva da CMO através do financiamento estratégico que ultrapassou o impasse provocado pela demora de solução por parte do Governo Central. Voltando atrás temos a Liga de Melhoramentos de Algés mantém há décadas a sua incessante actividade desportiva e cultural. A sua sede permite a prática de actividades de salão e o ginásio a prá-

tica de diversas modalidades desportivas, tendo sido o Hóquei em Patins a que mais se distinguiu. Voltaremos a esta colectividade para melhor a conhecermos.

Os laboratórios e a clínica Dr. Joaquim Chaves fazem parte de um grupo possuidor de várias unidades, incluindo a Clínica de Carnaxide, com várias valências e que tem vindo a afirmar-se no sector.

Subindo, em direcção a Linda-a-Velha, encontramos instalações de muitas empresas de serviços, comércio e também de habitação, em edifícios modernos de boa qualidade arquitectónica. No lado direito as instalações da Carris e um serviço de inspecção automóvel.

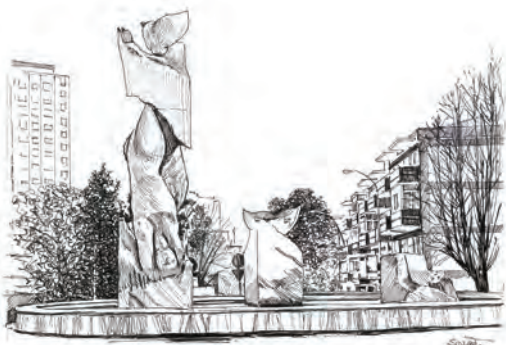
Nos finais do século XIX, neste local existiu uma vacaria, que era exemplar para a época e que foi visitada pelo Rei D. Pedro V, que quis homenagear o seu proprietário atribuindo-lhe o título de Visconde de Barronhos. Segundo o diz o Conselheiro do Rei, Tomás Ribeiro – aconteceu um diálogo que ficou para a história:

- “Fica sendo Visconde de Barronhos” diz D. Pedro V, ao que responde o lavrador Francisco José Vitorino: - “Isto é a minha desgraça, a minha desgraça!”

Perante as razões apresentadas de que constava o facto de após o título já não poderia apresentar-se como trabalhador e que a sua mulher sendo Viscondessa não continuaria a trabalhar, o mesmo aconteceria com a filha punha-se o problema de como manter as qualidades da quinta que estavam a ser reconhecidas?



Liga de Algés



Rotunda das sereias

Perante isto o Rei decidiu retirar-lhe o título, dizendo:

- “ Nunca aconteceu isto”
- “ Foi Visconde por um quarto de hora, descanse deixa de ser Visconde. Assim como lhe dei o título lho tiro e dou-lhe um abraço. Tem razão pensa bem”.

Ao subir até ao fim da avenida, chegamos à rotunda da entrada principal da Vila e temos à direita a auto-estrada para Lisboa, a estrada para Carnaxide, a rua Alexandre Herculano para as empresas Nestlé e Mota-Engil e a Av. 25 de Abril para o centro de Linda-a-Velha. Na Rotunda,



Nestlé



Mota-Engil

onde um belo trabalho de escultura representativo do banho da sereia, das Tágides e Ninfas do Tejo inspiradoras de Camões surge-nos o moderno edifício do Centro Comercial- Central Park – e as instalações da Agência Abreu, onde há cerca de sessenta anos existiu a Fábrica da Coporel, que foi feita para produzir Coca Cola, o que não se concretizou por proibição governamental. Diz-se que Salazar receava que a Coca Cola levasse ao aumento do consumo de droga por causa do

RESTAURANTE
Borges
 Tlf. 214 432 659
 Rua Curry Cabral, 4 (Traseiras)
 B.º Comendador Joaquim Matias | 2780-049 Paço de Arcos

Facebook icon, Instagram icon, Twitter icon

Map showing the location of **RESTAURANTE Borges** in Paço de Arcos, near the A5 highway (Oeiras) and the Marginal road. Landmarks include Bairro J. Pimenta, Escola Náutica, and Paço de Arcos. The map also shows directions to Estoril Cascais and Lisboa.

Tlm. 938 499 790
 restborges@netcabo.pt

MARISCOS E PEIXES SEMPRE FRESCOS

próprio nome, mas, diz-se também que terá sido a pressão dos sectores da cerveja e do vinho, por recearem grande perda de mercado, que terá levado à histórica decisão. Assim, a fábrica ficou a produzir a laranjada Fanta e lançou uma nova gasosa que teve muito sucesso, era a B B, inspirada na grande musa do cinema, Brigitte Bardot. Até o formato da garrafa era baseado nas curvas do seu corpo Mesmo ao lado, existiu a fábrica de baterias da marca Arga.

Entramos, na Avenida mais movimentada da localidade a Av. 25 de Abril, onde empresas, bancos, centros comerciais, supermercados, consultórios e vários ramos de comércio e serviços desenvolvem a sua actividade. No antigo quartel militar está em construção um complexo comercial e

habitacional de grande dimensão havendo grande expectativa à volta do impacto que este empreendimento vai ter, na qualidade de vida da população.

Uma transversal à direita leva-nos ao bairro 25 de Abril de habitações de custos mais baixos, construídas pelo programa SAAL, financiado pela CMO. Um centro de dia e uma creche são os apoios existentes para além da Associação de Moradores do Bairro 25 de Abril, que através da dedicação de muitos voluntários vai conseguindo verbas para fazer face às necessidades sempre prementes de concidadãos portadores de deficiência. Prosseguindo, encontramos a estrada nacional, Avenida Tomás Ribeiro, que, para a direita nos leva a Carnaxide e para a esquerda a Algés, passando pela Junça. Em frente

temos a estrada das Biscoiteiras que nos leva ao Estádio Nacional e à Cruz Quebrada. O Sporting de Linda-a-Velha, antiga colectividade, que tem prestado grandes serviços à população, tem as suas instalações desportivas, junto a esta Avenida, no lado de Carnaxide. A sua importância leva-nos a voltar a falar desta colectividade.

No centro desta localidade, temos o mercado que aguarda decisões camarárias tendentes à sua modernização



Capela de Linda-a-Velha

Leitaria Victória

Doçaria Caseira . Salgados e muito mais...

Praceta Dionísio Matias, 7-loja 2770-051 Paço de Arcos — Tel. 21 443 37 36 (Junto ao mercado)

e futura utilização. O Coreto mantém o seu estatuto, faz parte do Brasão de Linda-a-Velha, mas caiu em desuso, novas necessidades obrigam a novos palcos.



Coreto de Linda-a-Velha

A Capela de Nossa Sr^a. do Cabo, mandada construir, à sua conta, pelo Padre António Xavier Ligeiro, no século XVIII está bem conservada e tem mantido a sua antiga traça. Foi o povo que a ampliou e cuidou dado que lhe foi doada pelo seu construtor.

A Fundação Marquês de Pombal, que tem por objecto o apoio à cultura, ao social e ao desporto do Concelho, tem a sua Sede no belo edifício camarário Palácio dos Aciprestes. A importância do papel que esta Fundação desempenha obriga-nos a voltar a falar dela, num dos próxi-

mos números.

No interior do bairro temos a Igreja Matriz Nossa Senhora do Cabo, com as suas pinturas de Vitor Lages, que torna uma visita obrigatória, o Centro de dia, o Lar e a Escola de Música que continua a canalizar talentos para esta actividade cultural e profissional.

Descendo a Avenida Carolina Michaelis encontramos a Escola Secundária e instalações de pequenas empresas e estamos de novo em Miraflores – na Quinta de Santo António, que a par de belos edifícios de habitação, inclui a Igreja de Miraflores, de arquitectura moderna, bonitos e bem cuidados jardins, salão de chá e um



Quinta de St^o. António

Centro Comercial, de média dimensão onde se encontram as habituais lojas comuns a estes espaços.

A urbanização de Miraflores nasceu na quinta com o mesmo nome, e igual a outras, como a Qta. da Formiga que ainda se mantém. no vale que vem de Carnaxide para Algés, e onde corre o Rio de Algés.

Durante décadas a quinta de Miraflores esteve ocupada por famílias que habitavam centenas de barracas de génese

Farmácia NOVA-CAXIAS

Rua Bernardim Ribeiro, 1-A – 2760-016 CAXIAS – PORTUGAL
Telem. 961523685 email: farmnova-caxias@hotmail.com

CAMINHOS

ilegal, sem condições de habitabilidade digna, era a chamada Pedreira dos Húngaros.

A empresa Habitat adquiriu os terrenos para urbanizar, e implantar um projeto de construção de prédios de habitação e serviços de grande qualidade, para iso era necessário resolver o problema da população



Quinta de St.º António



Miraflores

ai residente. O plano de realojamento que a Câmara Municipal de Oeiras desenvolveu após o 25 de abril de 1974, veio proporcionar a sua transferência para os bairros camarários então construídos, como o Bairro dos Navegadores, em Talaíde p.ex., ficando, assim, disponíveis os terrenos para a concretização do plano de urbanização daquela área.

A abertura da econo-

INVESTIMOS NO FUTURO DOS CONDUTORES



**Paço
d' Arcos**
Escola de Condução

Rua José Moreira Rato, 6A
2770-106 Paço de Arcos
Tel: 21 442 76 28 / 21 442 78 03

Email: esc.cond.pacodarcos@gmail.com • [facebook.com/ecpa1](https://www.facebook.com/ecpa1)

Escola Associada ANIECA
Categorias Motociclos e Ligeiros

Parceiros IMT
Revalidações Cartas
e Documentos Veículos e Condutores



Vista panorâmica

mia permitiu que este projecto, e outros à sua volta, se concretizassem, criando uma nova centralidade hoje habitado por milhares de pessoas, e instaladas centenas de empresas comerciais e de serviços.

Tomando o caminho para a Junça temos em frente o Cruzeiro fronteiro ao Palácio Ribamar (referido no número anterior), e seguimos pela Rua João Chagas. Logo à direita a sede da União de Freguesias de Algés, Dafundo, Cruz Quebrada e Linda-a-Velha, a sede da Associação dos Comerciantes do Concelho de Oeiras e Amadora, e a Igreja Cristo Rei de Algés.

Após uma zona de construções antigas, habitação e algumas lojas, entramos numa zona de novos bairros residenciais, de serviços, comércio e algumas antigas unidades industriais, na sua maioria de-

sativadas, e com as instalações já muito degradadas, à espera de novos projectos, surge-nos uma nova zona de habitação implantada em ambos os lados da estrada. No lado direito um conjunto de grandes prédios de habitação de alta qualidade, que integra a torre mais alta da redondeza e, no lado esquerdo prédios de habitação, de boa qualidade, que integram algumas lojas e na sua retaguarda a Escola Gonçalves Zarco.

Continuando a subir a Rua João Chagas, surgem-nos edifícios comerciais de maior dimensão, como o ginásio da rede Helth Club e a loja Lidl. Segue-se, o novo quartel dos Bombeiros de Linda-a-Velha, enquanto à nossa esquerda avistamos, o também recente, quartel dos Bombeiros do Dafundo. Duas instituições muito antigas e a



AVENIDA MARGINAL
ANEXO FORTE DE SÃO BRUNO
2760 OEIRAS - PORTUGAL
TEL.: 214 415 175

baiagolfinhos@gmail.com
www.baiadosgolfinhos.pt
f baiadosgolfinhosoeiras



Palácio dos Aciprestes

quem as populações locais, e não só, muito devem. No vale, entre os dois referidos quartéis, a Estação de Serviço da Galp, e a linha de lavagem de viaturas, da rede Elefante Azul.

Chegados aqui entramos noutra zona habitacional, esta de prédios mais baixos que os anteriormente referidos, algumas lojas, clínicas, consultórios médicos e de advocacia, e também algumas empresas industriais, de pequena dimensão e não poluentes.

Começamos a subir a avenida que nos leva ao Estádio Nacional e ao edifício do ginásio da rede Sol Play, que integra outras zonas de lazer (café, pastelaria, etc.) e logo nos depara-

mos com um memorial composto por três colunas de pedra, de autoria do mestre Francisco Simões, que representam a Paz, a Justiça e a Liberdade, que foi implantado por iniciativa da CMO, e da Embaixada da Turquia, para homenagear e perpetuar a memória do casal de diplomatas assassinado neste local em 7/6/1982, cujos nomes se seguem: Sr. Erku Akay e Sr^a. Nadine Akbay, aqui fica a nossa homenagem.



Entrada para o jardim

Ao lado esquerdo um monte onde está a Escola, e um conjunto de pequenas horta agrícolas num conjunto de hortas comunitário, dinamizado pela União de Freguesias de Algés, Dafun-

do-Cruz Quebrada e Linda-a-Velha. No cimo do monte ergue-se o muito bem localizado Hotel SolPlay, de onde se avista uma das melhores vistas do Concelho de Oeiras.

No lado contrário um bairro habitacional onde se ergue a torre em pirâmide, que era o grande orgulho do seu construtor, o dinâmico empresário Armando dos Santos Aguda, já falecido.

Esta torre conhecida pela sua forma arquitectónica - Edifício Pirâmide- com pisos de habitação, escritórios,

clínica de fisioterapia alberga o Auditório Municipal Lurdes Norberto, de autoria ao Arqtº. Nuno Portas.

A empresa municipal Parques Tejo está a construir um parque de estacionamento ao lado deste edifício assim como a reordenar toda a sua envolvença o que se saúde.

A convite da Câmara Municipal de Oeiras, este espaço está a ser explorado pela Intervalo-Grupo de Teatro, que surgiu para dar continuidade ao grande, e reconhecido, trabalho de qualidade, que vinha sendo feito no 1º Acto de Algés, e que teve de ser interrompido. Nesta verdadeira Cátedra de teatro tem o Intervalo-Grupo de Teatro produzido centenas de peças de teatro para todas as idades dos maiores autores nacionais e internacionais.

O seu trabalho tem sido reconhecido pelo público que sucessivamente enche as salas, e pela CMO que apoia a sua actividade. Graças a este, e outros apoios,



Cruzeiro de Algés

é possível apresentar espectáculos de qualidade à população idosa em condições atractivas que de outro modo era impossível.

Ora, quer o 1º. Acto - Clube de Teatro, quer o Intervalo-Grupo de Teatro, poderiam existir, mas não seria certamente a mesma coisa, sem um homem dedicado, amigo do seu amigo, que ama o teatro, e as pessoas do teatro, de tal modo que são já centenas os seus colegas por si homenageados nas inesque-

cíveis Semanas Culturais que, desde há 38 anos, promove para comemorar o aniversário do Grupo, sempre com grande êxito de salas mais que cheias, e sempre com agrado geral. Lembrei-me, agora, que ainda não disse o nome desse grande homem de teatro, mas será preciso? O amigo leitor não soube logo no início do parágrafo anterior quem ele era?

Claro que sim, que estou a falar do actor, encenador, mestre e catedrático do teatro e da poesia, e do amigo sempre atento ao seu amigo, e que faz amigos em todo o lado onde se faz sentir a sua presença. É por isso que a capa deste número tem uma aguarela que mostra bem o sua cara de homem bom, tranquilo afável, amigável e distinta.

Parabéns, e obrigado por tudo o que tens dado e vais continuar a dar a todos nós
ARMANDO CALDAS.

José Marreiro e José Serrão de Faria

União desportiva e Recreativa de Algés

Esta coletividade instalada em Algés de Cima, dedica-se ao futebol, a sua equipa principal milita nos campeonatos distritais da Associação de Futebol de Lisboa.

O seu campo principal foi intervencionado em 2010, tendo recebido um novo

piso de relva sintética e novos balneários.

Atualmente, funciona aqui uma Escola de Futebol do SCP que dá formação a centenas de jovens que integram as suas equipas de infantis e escalões seguintes.

José Lança-Coelho



Livraria Espaço em Algés

Após ter ganho, em 1988, o Prémio de Revelação de Literatura Infanto-Juvenil da Associação Portuguesa de Escritores, e uma Menção Honrosa no Prémio Inasset/Inapa, com o livro «O Enigma da Gruta» e de, no ano seguinte, ter sido convidado pela editora que me publicou a referida obra, para escrever outra, que originou o título «Viagem Maravilhosa ao Reino dos Ecos», editora essa que não cumpriu o que estava no contrato com o pagamento na totalidade, dos meus direitos de autor, parti para a publicação dos meus livros, na modalidade de edição de autor, tendo escrito uma biografia de Fernando Pessoa destinada à infância com o título de «O Caso do Poeta dos Mil Nomes».

Comecei, então, por mote próprio, a apresentar-me em Feiras do Livro que, todos os



anos, se realizam em escolas, desde as primárias às secundárias. Foi num desses certames que, conheci as três irmãs que, dividindo tarefas, tinham adquirido a gerência da Livraria Espaço, em Algés, a quem dei à consignação a venda dos meus livros e, de onde surgiu uma franca amizade.

José Lança-Coelho

PAPELARIA E TABACARIA DA VILA

Brinquedos, brindes e novidades
Abre em Novembro

Mercado Municipal de Paço de Arcos, loja n.º 1

Algés e «a capital» de Eça de Queirós

Os locais por excelência escolhidos por Eça de Queirós, para localizar a acção deste livro, no que respeita ao concelho de Oeiras, são Algés e o Dafundo.

Relativamente a Algés existem duas referências. A primeira, respeita ao personagem Rabecaz, um republicano de Oliveira de Azeméis, que passa as noites a beber e a jogar bilhar no botequim da Corcovada, e com quem Artur, o personagem principal, encetará uma convivência com base nas opiniões literárias e políticas, face ao deserto cultural que se revela naquela terra nortenha, sobretudo, para quem vinha do mundo universitário coimbrão, como é o caso do citado Artur.

Será, pois, Rabecaz que, falando do tempo que habitou em Lisboa, onde possuía cavalos, cadeira em S. Carlos e carruagem, evocará com uma enorme dose de nostalgia, «Que batidas para as portas de Algés!» (1).

Algés, que pelo final do século XIX, pouco mais era do que a actual Rua Major Afonso Pala, começava a criar fama de local de lazer, com os seus retiros, adegas, hortas e passeios ao campo. Inclusivamente, cantava-se pelas ruas. Ingredientes que levarão as autoras das Memórias da Linha de Cascais, ao referirem-se a um tempo um pouco mais adiante, a escrever: «No começo deste século [XX] partia-se de Algés para

as excursões a Linda-a-Pastora, ou à Senhora da Rocha. Era no tempo das burricadas, das guitarradas, das serenatas.» (2) A segunda referência de Eça a Algés reporta-se ao momento em que Artur se começa a preocupar com a delapidação da sua pequena herança, em Lisboa.

Após o contacto com diversos personagens que se encarregam de gastar, cada um de acordo com as suas preferências, o dinheiro que herdou do padrinho, eis que surge um espanhol, de nome Manolo, que se autoproclama um ex-combatente republicano e que diariamente tem uma ideia extravagante do ponto de vista económico: «irem a Queluz, tomarem uma quarta ordem em S. Carlos, uma ceia na Ponte de Algés» (3), o que juntando às despesas inerentes a estas deslocações, como, tipóias, luvas, charutos, para além das contas do hotel, perfazia a soma astronómica de duas, três libras.

NOTAS:

- (1) QUEIRÓS, Eça de, *A Capital*, Lisboa, ed. Livros do Brasil, p. 59.
- (2) COLAÇO, Maria de Gonta; ARCHER, Maria, *Memórias da Linha de Cascais*, Lisboa, Parceria A. M. Pereira, 1943, ed. Fac-similada, 1999, CMC e CMO, p. 81.
- (3) QUEIRÓS, Eça de, *ob. cit.*, p. 317.

José Lança Coelho



Golden Line
Um mundo de soluções!
RE/MAX

Para Comprar Vender ou Arrendar Conte Comigo!



Helena Faria Leal

Golden Line – Sónia & Godinho Med. Imob. Lda.,
Ami: 5650 - Rua José Malhoa n.º 35 Oeiras

911 815 190
hfarialeal@remax.pt



Linda-a-Velha e os duelos no Século XIX

Em finais do século XIX, Linda-a-Velha era local de duelos, onde se ajustavam contas, como o caso que a seguir se conta.

Corria o ano de 1883, quando os directores dos jornais, «Diário da Manhã» e «O Século», respectivamente, Manuel Pinheiro Chagas e Magalhães Lima se incompatibilizaram por questões políticas. O primeiro, escreveu a 31 de Março no seu jornal que, os republicanos conviviam com sanguinários, e referindo-se especificamente, a Silva Graça, jornalista de «O Século» dizia que este: “(...) pode dar coices nas estrelas, esgotar todo o vocabulário dos malandros, insultar de um modo extravagante e incrível que não nos demove nem uma linha do nosso propósito.”

Por seu turno, Trigueiros de Martel, jornalista de «O Século» e, portanto, colega do citado Silva Graça, questionava, se tirando a Chagas “uma letra só... não ficava um lindo nome?”

No dia seguinte, 1 de Abril, um domingo lindo, «o Século» na sua primeira página, anunciava que só um confronto entre Graça e Chagas, terminaria com as discussões públicas com o «Diário da Manhã». O 2 de Abril terminou com a reunião das testemunhas de ambos – Correia da Silva

e Cunha Belém, por parte de Pinheiro Chagas, e, Manuel de Arriaga e Elias Garcia, do lado de Magalhães Lima -, que concluíram ser o recurso às armas que poria ponto final na contenda.

O dia 3 de Abril ficaria marcado pelo estabelecimento de que o duelo entre os directores dos dois jornais lisboetas, se realizaria no dia seguinte, às 16 h, em S. José de Ribamar, Linda-a-Velha, sendo o sabre, a arma escolhida, terminando o evento com o derramamento do primeiro sangue de um dos contendores.

Embora os duelos fossem proibidos, muitas vezes as autoridades fechavam os olhos à sua realização, porém, desta vez, o ministro do Reino, Tomás Ribeiro, amigo de longa data de Pinheiro Chagas, ordenou à polícia que seguisse os duelistas e as suas testemunhas, impedindo-os de se dirigirem a Linda-a-Velha, podendo recorrer à força se para tal fosse necessário. E foi.



meia sombra
certificação energética
avaliação imobiliária

Carlos Dias
Arquitecto

carlosdias@meia-sombra.pt

Largo Januário António
Sacramento, nº 9C
2760-153 Caxias Portugal

Tel/Fax: 21 441 91 09
Tlm.: 96 992 17 46
91 298 03 97
93 659 90 65

www.meia-sombra.pt

meia sombra
certificação energética

Na verdade, no dia seguinte, Elias Garcia levou meia hora para despistar as autoridades. Correia da Silva foi agredido pela polícia, junto dos Jerónimos, e preso durante a noite. Magalhães Lima para fugir às atenções da guarda, entrou na Rua dos Fanqueiros, subiu ao Hotel Pelicano, onde pela mansarda do terceiro andar passou para a Rua da Madalena. Aí apanhou uma carruagem, que foi detida pelo chefe da polícia, o Ferreira, no Largo de Santa Bárbara.

Em Linda-a-Velha, à hora aprazada, só se encontravam, Pinheiro Chagas e a sua testemunha Cunha Belém, e, Manuel Arriaga que se ofereceu para se bater no lugar de Magalhães Lima. Chagas não aceitou e todos regressaram à capital, extremamente frustrados, estado de espírito que levou os emissários dos dois duelistas, no dia seguinte, a conferenciarem com o ministro, avisando que, se a polícia continuasse a opor-se, se deslocariam para uma região da fronteira, onde realizariam o duelo.

Tomás Ribeiro cedeu, e o duelo realizou-se no dia 8 de Abril de 1883. O 1º assalto de 5 minutos não magoou ninguém, embora Chagas tentasse aplicar os seus conhecimentos militares, circunstância que levou o irónico e impagável Eça a designá-lo por «brigadeiro Chagas». Porém, a miopia de Chagas que conduzia o sabre, não levava a melhor sobre o do adversário. O 2º assalto de 2 minutos não teve história, porém, do 3º, já não se pode dizer o mesmo, pois aos 2 minutos, Magalhães Lima feriu o adversário na mão direita. O médico que superentendia ao duelo, observou o ferimento e quis terminar a contenda, o que não fez, satisfazendo os protestos do ferido. Realizou-se, então, um último assalto que, não trazendo nada de novo à contenda, levou os dois contendores a abraçarem-se e a terminarem o duelo de Linda-a-Velha.

A partir daqui, os dois jornais tiveram muito cuidado no que diziam um do outro.

José Lança-Coelho

grau de imaginação www.grau.pt

DESIGN	PRODUÇÃO
Gráfico Catálogos, brochuras, flyers Design de embalagens Criação de logótipos Design editorial Merchandising Estacionárias	Digital Pequena e grande formato
Web Criação e manutenção de websites	Offset Pequena e grande formato
	Serigráfica
	Têxtil

Atividade do Sabugueiro, 5A, Murganhal, 2760-128 Casias
Telefone e Fax: 214 366 463 | geral@grau.pt

Algés de Cima, património pitoresco

Cansam-se as pernas, inclinam-se as nossas costas, dobram-se as solas dos nossos sapatos quando nos encaminhamos apeados para Algés de Cima. Como um íman, esse bairro nos atrai pela pequenez das dimensões das velhas casinhas que ainda por lá permanecem resistindo à pressão imobiliária da nova construção.

Desajustados na sua orientação solar não conforme ao moderno traçado das ruas que foram pavimentadas e substituíram antigos caminhos, pequenos prédios de um piso, casa térreas, pátios, arcos de pedra, escadinhas, um caramanchão de parreira na mais pura tradição das vilas operárias e eis-nos na Vila Madalena, pequena mouraria lisboeta transplantada para uma grande colina envolvente de Algés.

A capelinha de Nossa Senhora do Cabo pontifica, bem frontal, num largo calcetado que delimita o trânsito automóvel e o obriga a definir-se para outras localidades, Miraflores ou Linda-a-Velha. Património da Junta de Freguesia desde 1962, por doação de Joana Pedroso Simões Alves, tem sido cedida para culto religioso e capela mortuária e é arquitectonicamente uma forte construção que integrou uma enorme e riquíssima quinta que se foi fragmentando em heranças e partilhas.

Tornando o nosso olhar mais atento conseguimos ainda descortinar marcas de todo esse passado de ruralidade: antigas

cercaduras de um tourol, portões enferrujados, pendentes de ferro para içar os fardos de palha, uma cabeça bovina em terracota ornamentando um antigo celeiro, armazéns agrícolas que se volveram depois em oficinas. Poderemos então imaginar as grandes searas de trigo e de cevada, as hortas, o olivedo, o pomar, os rebanhos, o pastor, a figura temível do feitor zelando para que nada fosse roubado, o senhor guarda-livros apontando tudo... Lá mais acima a eira, os tanques, as carroças e até os carros de bois a arrastarem a grande ceifeira-debulhadora que vinha na altura da ceifa das searas, assim como grupos de homens e mulheres vindos do Alentejo como mão-de-obra para esse duro trabalho sazonal.

A sobrevivência das famílias dos trabalhadores agrícolas passou também pelos empregos de operariado nas pequenas fábricas e oficinas que começaram a aparecer nessa zona com o progresso industrial. Destaque para a grande fábrica de malhas e para uma outra de bolachas, ambas pertença da família de Filipe Nogueira, campeão de automobilismo, com a grande novidade de passar a haver postos de trabalho para as mulheres do bairro.

O associativismo desportivo e um ideário de benemerência e promoção de actividades de lazer remonta a esta época e é a



matriz da União Desportiva e Recreativa de Algés, UDRA. Quem diria que, décadas depois, passaria a ser um tão bem cotado clube federado em futebol e movimentando, numa dinâmica muito própria, tantos adeptos? De muito longe se vê o vasto e sempre verdinho relvado sintético que veio substituir o velho campo de terra batida ... Mas findou-se a sua vertente de associação de teatro e de organização de festas e bailes com música ao vivo ... O mundo está em mudança!

Novas finalidades são dadas às antigas habitações: uma antiga taberna volveu-se em habitação familiar e na velha pedra de mármore do balcão onde se serviam os copos de vinho pousam agora um berço e brinquedos de criança... Grande mudança também numa outra antiga grande casa de família, por lá se instalou agora um centro



dos para um mar que avançaria, nas grandes marés cheias, quase até esta colina.

Por aqui estamos, bem longe da baixa algesina. Que tranquilidade! Brillham de noite engraçados candeeiros de iluminação pública. Ainda há vasos de flores nas ruazinhas, algumas árvores de grande porte e um quase mútuo conhecimento de todos os habitantes locais. Envelhecidos, quase isolados mas plenos de dignidade. De táxi se deslocam desde que o transporte de proximidade, o «Lés-a-Lés» lhes foi retirado. E conseguem manter o sorriso para responder e



acolher as perguntas de quem passar. Uma imensa sabedoria popular ligada à grande dureza de quem trabalhou toda a vida.

O nosso Concelho é um mundo a descobrir, pequenas e grandes viagens a fazer aqui tão perto, para dentro da História e também, por que não, para dentro de cada um de nós.

religioso Bатуira, com tão cuidado jardim e roseiral que mais parece um hino de amor à Mãe-Natureza. Uma referência ainda ao género musical do fado, de muita tradição em Algés de Cima, a lembrar a origem muçulmana da sua génese, a par das jazidas de cal nos milenares tempos em que o Tejo era mais largo e as ribeiras desaguavam fortes descendo também por estes terrenos inclina-

acolher as perguntas de quem passar. Uma imensa sabedoria popular ligada à grande dureza de quem trabalhou toda a vida.

O nosso Concelho é um mundo a descobrir, pequenas e grandes viagens a fazer aqui tão perto, para dentro da História e também, por que não, para dentro de cada um de nós.

Luisa Manaças (Texto)
Onдина Pires (Fotos)

Os nossos centenários

O Sr. Salvador Felício dos Santos, atingiu, no passado dia 26 de Agosto, a bonita idade de 100 anos. Tendo nascido na Alapraia, S.João do Estoril, desde muito pequeno acompanhou os seus pais para o alentejo, em várias localidades, onde o seu pai se deslocava a trabalhar como funileiro.

Quando tinha somente 10 anos a sua família foi atingida por uma grande tragédia, tendo os seus pais, Gregório dos Santos e Joaquina Felícia, falecido. Foi então o jovem Salvador acolhido por uns tios que moravam na Parede. Mas por pouco tempo, já que, passado algum tempo foi internado no Colégio Casa Maria Pia (hoje integrado na Casa Pia de Lisboa) em Xabregas, onde permanece até aos 18 anos. Segue-se o serviço militar, onde entra como voluntário.

Uma vez cumprido aquele serviço cívico inicia uma carreira profissional, como electricista tendo trabalhado nas fábricas de baterias Tudor e Autosil, e nas oficinas da Soc. Com. Guérin.

Aos 24 anos casa e vem viver para Laveiras, onde ainda vive, e viverá esperamos mais uns anos, com a filha e o genro, tendo a neta emigrado para o estrangeiro, em boa harmonia que ajuda a manter uma



boa disposição e simpatia. Durante várias décadas trabalhou, igualmente como electricista, na sua zona de residência, tendo-se tornado muito conhecido pelas suas qualidades profissionais e pessoais.

O seu trato, a sua maneira de ser, a sua educação, o seu respeito pelos outros fizeram do Sr. Salvador uma pessoa popular, respeitada e considerada por todos que com ele tiveram, e têm, oportunidade de consigo privar.

O jornal A Voz de Paço de Arcos, dá os parabéns por este acontecimento ao Sr. Salvador, e deseja muita saúde para si e para a sua família.

José Marreiro


CARRUAGEM REAL
BAR E ESPLANADA

De Terça-feira a Sábado, das 18h00 às 2h00
MÚSICA AO VIVO AOS FINS-DE-SEMANA

A Carruagem Real de Caxias, com nova gerência, mantém todas as características originais.
Oferece um espaço multiusos para festas de aniversário para crianças,
ecrã gigante, bebidas diversas, petiscos e refeições leves.

Largo da Estação de Caxias, 2760 - Caxias

Tel.: 934 662 074

Choupo

Foi muito contestado nas redes sociais e na imprensa escrita, o corte de um choupo em Caxias e de vários eucaliptos de grande porte no Jardim de Oeiras, perto da zona destinada a piqueniques, com o fim de se fazer uma zona para treino e passeio de cães.

É sempre criticável o abate de árvores, sobretudo as de grande porte. São seres vivos, que demoraram décadas a atingir as dimensões que possuem e que, de um momento para o outro, deixam de nos encantar com o seu porte e a sua beleza. E se os motivos forem fúteis, ainda mais criticável será esse acto.

Já elogiei em números anteriores, a forma



indústria do desenrolamento, destinada ao fabrico de embalagens. Estes choupos foram utilizados em parques, jardins e arruamentos, para fins diferentes daqueles para que foram criados. São árvores de crescimento muito rápido, por isso com menos células por unidade de volume, espaços que serão substituídos por água. Esse facto origina, que ao fim de três ou quatro décadas, comecem a apodrecer e

constituem perigo para as pessoas que se deslocam perto deles. É o caso do choupo de Caxias. Além do mais, com a sua utilização em espaços públicos, corre-se o risco de plantar, por ignorância, clones femininos, que na Primavera largam aquele algodão portador de sementes, que polui as nossas ruas e os nossos pulmões.

Já no caso da substituição, no Jardim de Oeiras, de árvores com muitas décadas de existência, uma beleza que os moradores locais e os transeuntes se tinham habituado a usufruir, por um parque para cães, sabendo-se a existência de tantos outros locais em que não teria sido necessário o abate de árvores para esse fim, é de facto lamentável.

*José Serrão de Faria.
Eng.º Tecno. agrário.*

como as árvores e os jardins são carinhosamente cuidados neste Concelho. É exemplo disso a criação do Parque dos Poetas, a Praça Parque das Cidades e o Jardim das Perdizes, já feito nesta legislatura, só para citar três exemplos, entre muitos outros. Estou, pois à vontade para poder falar deste assunto. Na década de cinquenta do século passado, foram importadas várias variedades de clones de choupos híbridos, desenvolvidos sobretudo em Itália, para a



Que Modelo de Desenvolvimento Urbano para o Centro Histórico de Paço de Arcos? Sim, ou Não à proliferação de Esplanadas?



As obras realizadas recentemente no Centro Histórico de Paço de Arcos são o exemplo acabado do que não deveria ter acontecido. Falta de organização, coordenação e controlo. Mas, sobretudo, falta de informação e de comunicação, ao arrepio da melhor tradição do Concelho de Oeiras nesta matéria, e em manifesto contraste com as obras realizadas há cerca de 15 anos, em que os Moradores e os Comerciantes foram envolvidos desde o início do processo, o qual foi a todos os títulos exemplar.

A situação agora criada levou, inclusive, a que os Moradores e os Comerciantes se tivessem sentido obrigados a contactar por sua iniciativa quer com a Administração da Parques Tejo, quer com o Comando da PSP de Oeiras, entre muitos outros stakeholders, no sentido de se conseguir um *modus vivendi* satisfatório para todas as partes durante o período de duração das obras, as quais se prolongaram por 3 meses. O que foi plenamente conseguido. Note-se que ninguém contesta a necessidade das obras. Só o *modus operandi* dos serviços técnicos da CMO, em total desrespeito pelos habitantes do Centro Histórico.

Porém, e quando todos julgávamos que o pior tinha sido ultrapassado, eis senão quando os serviços técnicos da CMO, mais uma vez à revelia de tudo e de todos, nomeadamente da União das Juntas de Freguesia, a qual no nosso quadro jurídico-constitucional representa os interesses dos Fregueses, e sem qualquer consulta prévia a quem quer que fosse, optou por fazer proliferar esplanadas pelo Centro

Histórico, em locais sem qualquer vocação para tal, agravando de uma forma muito sensível e notória a problemática da **Acessibilidade, da Mobilidade e do Estacionamento** neste território.

É o caso da construção da esplanada na Tv. Caetano Félix, para a qual não se vislumbra sequer o racional que possa fundamentar a sua concretização, numa via já de si muito estreita, entalando-a entre as fachadas de dois edifícios contíguos, os quais distam poucos metros entre si, com Moradores a residirem a escassíssimos metros desta plataforma, sujeitando os seus futuros clientes aos gases de escape das viaturas que passam a poucos centímetros, comprometendo, simultaneamente, a respetiva Segurança, tornando-a, por isso, comercialmente desinteressante. Já para não mencionar os impedimentos que cria à mobilidade de pessoas da 3ª idade e de jovens mães com carrinhos de bebé, uma vez que o passeio adjacente é muito estreito, obrigando-os a contornar pela estrada o obstáculo assim criado, por onde circulam viaturas automóveis, comprometendo-se, mais uma vez, a Segurança de pessoas, para além de colocar entraves à atuação dos bombeiros em caso de emergência e de destruir 2/3 espaços de estacionamento, os quais, como é sabido, são um bem muito escasso no Centro Histórico de Paço de Arcos. Simultaneamente desvaloriza o imobiliário contíguo, como é fácil de perceber.

Mais grave ainda é o precedente que a construção da esplanada na Tv. Caetano Félix comporta, dado o inusitado da sua

localização. Com efeito, doravante todo e qualquer restaurante tem o direito de reclamar para seu uso uma esplanada, o que comprometerá definitivamente a Acessibilidade, a Mobilidade e o Estacionamento numa zona já de si caótica.

E sabe-se como é difícil de gerir o Precedente na coisa pública. Como sabem todos aqueles que já exerceram funções em empresas públicas, como é o caso do autor destas linhas.

Aliás, os quatro arquitetos que a convite dos Moradores e dos Comerciantes se pronunciaram relativamente a esta opção são unânimes na sua condenação, pelas profundas implicações negativas que tal acarreta para o conjunto deste espaço urbano. Para além disso, pergunta-se como é que é possível que um bem que é público, neste caso a Tv. Caetano Félix, tenha sido posta à disposição de interesses privados, por mais legítimos que estes possam ser, em detrimento do interesse público, nomeadamente dos moradores desta rua, sem que estes tenham sido sequer consultados, quer pela CMO, ou pelo promotor da iniciativa, como era exigível, dada a excecionalidade e o impacto previsível desta opção no seu dia-a-dia?

O mesmo se aplica à esplanada de serventia à Loja Gourmet, junto ao Restaurante “Carula”, construída também durante as obras que tiveram lugar recentemente no Centro Histórico. Pergunta-se como é que é possível que a uma Loja de Conve-

niência, em que os clientes entram e saem, e onde não permanecem, a qual tem muito pouco movimento que o justifique, tenha sido atribuída uma esplanada que subtraiu 2 estacionamentos ao Centro Histórico de Paço de Arcos? Responda quem souber.

- Porém, a questão de fundo subjacente a toda esta problemática vai muito para além da mera construção das esplanadas e tem a ver fundamentalmente com o **Modelo de Desenvolvimento Urbano** que se pretende impor, à revelia de tudo e de todos, pelos técnicos da CMO aos habitantes do Centro Histórico.

Com efeito, se, porventura, o acesso dos clientes aos restaurantes ficar comprometido, ou for de alguma forma dificultado, estes optarão por outros locais, tanto mais que a oferta gastronómica na Linha do Estoril é hoje muito ampla e variada, o que conduzirá ao seu inevitável encerramento, ao que se seguirá o encerramento das lojas, as quais dependem em larga medida dos clientes que se deslocam aos restaurantes.

E o inelutável encerramento dos restaurantes e das lojas traduzir-se-á no progressivo despovoamento do Centro Histórico de Paço de Arcos, no aumento da marginalidade e da criminalidade, no conseqüente aumento da insegurança de pessoas e bens, bem como na degradação física deste espaço urbano a muito breve prazo. Estas dinâmicas são conhecidas e

ESPAÇO IN CAFE

FOOD, DRINK & MUSIC
Abertos até às 21 h
Sextas e sábados até às 24 h
INTERNET, SPORT TV
E CANAL BENFICA

PETISCOS, CARACÓIS, MOELAS, PICA-PAU,
FRANCESINHAS, CAMARÃO FRITO, BIFES ESPECIAIS,
ALMOÇOS, JANTARES
ESPECIALIDADES DE GIN'S | HAMBURGUERS GOURMET

RUA ARMANDO CORTEZ, N.º 7 - 9 PAÇO DE ARCOS
JUNTO ÀS FINANÇAS / FISCICONTROL
TELEFONES 214 410 539 / 962829900
ESPLANADA C/ VISTA MAR
<https://www.facebook.com/ESPACOINCAFE>



ESPACOINCAFE

estão devidamente estudadas.

É, por isso, que a visita, no passado dia 15 de Setembro, ao Centro Histórico de Paço de Arcos, do Senhor Presidente da CMO, Dr. Paulo Vistas, foi um marco importante, porque não só lhe permitiu auscultar de viva voz os Moradores e os Comerciantes, mas também porque foi possível chegar a um Acordo de Compromisso em 4 pontos:

- Criação de um Auto-Silo que possa servir os Moradores, Comerciante e Clientes do Centro Histórico de Paço de Arcos, sem prejuízo de outros que a Parque Tejo venha a entender, tirando partido do que esteve para ser a Estação de Camionagem da Vimeca;
- Manter todo o Centro Histórico de Paço de Arcos aberto à circulação automóvel, mormente a Rua Costa Pinto em toda a sua extensão;
- Promover a colocação de esplanadas somente nos locais que não comprometam de nenhuma forma a Acessibilidade, Mobilidade e o Estacionamento no Centro Histórico de Paço de Arcos;
- Manter em vigor até à entrada em funcionamento do Auto-Silo, o que se estima possa ocorrer até Março do próximo ano, o Acordo de Cavalheiros estabelecido pelos Moradores e Comerciantes com a Empresa Municipal Parques Tejo e a PSP, sob o beneplácito da União das Juntas de Freguesia.

Espera-se, assim, que a polémica surgida com as obras realizadas de uma forma inopinada no Centro Histórico de Paço de Arcos possa ajudar a colocar os problemas deste espaço urbano na agenda da autarquia, mas também possa contribuir para um amplo debate público relativo ao Modelo de Desenvolvimento Urbano que se pretende para este território, em que todos possam ter uma palavra a dizer e ninguém

seja excluído, como tem vindo a acontecer.

Porque é público e notório que a dinamização que se pretende para o Centro Histórico de Paço de Arcos não passa por dificultar o acesso a este território, seja sob que forma for, mas por outras formas, para o que aqui se deixam algumas ideias para que outros possam também trazer as suas e fazer-se o debate que é necessário e urgente:

- Criação no previsto “Auditório José de Castro” de uma Zona Museológica onde possa ser criada, por exemplo, uma extensão do Museu do Automóvel*. Seria uma forma de potenciar não só o Museu Automóvel, praticamente votado ao esquecimento, mas também o próprio Centro Histórico;
- Criação no “Auditório José de Castro” de um pequeno Posto de Turismo suscetível de informar os visitantes sobre as potencialidades do Concelho de Oeiras em geral e do Centro Histórico em particular;
- Promover a ligação através de TUK-TUK elétrico * do Auto-Silo aos restaurantes do Centro Histórico;
- Criar um Programa Anual de Animação que passaria a integrar, entre outras iniciativas, a “Feira Gastronómica”, se possível estendida a toda a Rua Costa Pinto, a qual poderia passar a ter uma periodicidade semestral.

*Museu Automóvel – Ideia proposta pelo do Senhor Piló (Proprietário do Restaurante Astrolábio)

*TUK-TUK – Ideia proposta pelo Eng. Miguel Dias (Comerciante)

Eduardo de Almeida Faria – Gestor/Autor de Obras e Estudos sobre o Imobiliário e o Urbanismo

Algés sim, Algés não

Algés é uma das principais entradas no Município de Oeiras o que lhe dá uma certa importância, mas esta entrada continua muito abandonada e quem aqui chega tem dificuldade em se orientar para escolher o transporte que a poderá levar a outras terras de Oeiras.

Já foi sugerido, há anos, que este grande largo tivesse um painel de boas vindas com um mapa dividido por cores conforme as freguesias e as várias carreiras de transportes que ainda vão existindo. Já existiu um posto da Carris mas agora só há umas bilheteiras de outras carreiras com horários reduzidos e uma papelaria onde se pode comprar o passe. Temos o comboio mas até este transporte não está bem assinalado. Esta área tem sido visitada pelo Presidente da CMO e estão em curso algumas “obras” como o acerto do relógio da torre sinaleira.

Esta terra possui uma zona de jardim muito apelativa mas um senão é a falta de estacionamento relativamente perto pois hoje ninguém abdica de ter o carro ali perto o que existe não chega para a procura em muitos dias.

Até à Cruz-Quebrada a estrada Marginal – Avenida Ivens não tem passagem



para o lado de lá do Caminhos de Ferro: ou se passa mesmo na estação de Algés ou teremos de ir quase à estação da Cruz Quebrada para acedermos ao outro lado. Já foi sugerido por várias pessoas que se fizesse uma passagem por baixo da linha a meio deste percurso mas não tem tido aceitação por parte das entidades envolvidas.

Estas terras de beira-mar espriaram-se terras adentro e estão todas envolvidas em prédios imponentes que constituem Miraflores.

Há muito mais a dizer de Algés: o seu comércio de proximidade, os seus clubes desportivos e o seu Sport Algés e Dafundo com mais de cem anos de existência sempre a formar campeões. Voltarei noutra ocasião a esta terra onde vivo.

Maria Clotilde Moreira

PICADILLY

Café-Restaurante

O SEU PONTO DE ENCONTRO

PRACETA DIONÍSIO MATIAS 10.A — 2780-587 PAÇO DE ARCOS — Tel. 21 443 27 65

Nota nº. 1

No ano de 1784 encontramos documentos que atestam reparações no Mirante, nos quais constam a aplicação de vidros e restauro da pintura.

Estas obras indiciam, pois, uma degradação ao longo dos cerca de sete anos após a sua construção a qual deixou inevitáveis marcas, não só devido às condições climáticas mas também à localização geográfica do Mirante no alto da Pena.

N.B. O Mirante ficava no alto do forte, onde está o sinal.

Desaparecido há muito servia para a família real observar os movimentos de navios na barra do Tejo.

Nota nº. 2

No período posterior à morte de D. Pedro III e do Arquitecto Mateus Vicente de Oliveira, ambos morrem em 1786, as obras na Cascata, na Quinta Real de Caxias e no jardim continuaram. Essas obras trataram basicamente dos acabamentos no Jardim e na Cascata e o início da construção do Paço (em Setembro de 1785).

Também encontramos documentos que confirmam a continuação das obras na Cascata em especialmente das pinturas.

Se estamos a falar de pinturas estamos a falar de acabamentos o que permite apontar os anos de 1784/1785, como datas prováveis para a construção da Cascata.

Nota nº. 3

Em 1785, como já referimos anteriormente, iniciou-se a construção do Paço, e em 1788, três anos depois, já verificamos que existem despesas para a compra de vinho para a Capela. Quer isto dizer que a ermida referida no testamento de D. Pedro III em 1783 como existindo na área da Quinta com o acesso pela mesma entrada, já devia

ter sido transformada na Capela anexa ao Paço, tal qual hoje a conhecemos.

Nota Nº 4

É curioso apontar que em 1789 há um documento onde um pintor chamado Manuel Gonçalves faz trabalhos de pinturas em tectos, paredes e caixilhos dourados no Palácio de Belém. Isto vai ser importante porque mais tarde vamos encontrar este pintor a ser pago para pintar as telas da parede e os caixilhos dourados da sala de jantar do Paço.



Nota Nº. 5

A Quinta continuava a produzir normalmente os bens agrícolas, flores e legumes e também laranjas. Para além disso, encontramos notícias nos diversos anos, de merendas e jantares entre 1778 e 1790 feitos na Quinta o que deixa antever já uma situação de aproveitamento da mesma como sítio para ser desfrutado. Realçar ausência destes eventos antes de 1777, data em que D. Pedro III iniciou as obras da modificação da Quinta e construção da Cascata.

Há notícias de festas e divertimentos que aconteceram na Quinta Real de Caxias assim como das ementas, numa delas em 18 de maio de 1789 constava 18 presuntos Montaxe, 80 frascos de azeite e doce de França, um jantar em abril de 1788 com o Bispo de Tessalónica no valor de 27 534 reis, outro jantar a 15 de abril de 1789 no valor de 117 140 reis. Foram pagos 12 800 reais a 10 pescadores da zona de Caxias para levar os convidados a uma pescaria no

Tejo em 1798. Por mera curiosidade um trabalhador na altura ganhava mensalmente em média 3 880 reis.

Nota Nº. 6

Durante algum tempo a Quinta Real de Caxias esteve sob a alçada do Administrador Luís Simões Ressurgido que era simultaneamente administrador em Queluz. D. João VI, em 1795 nomeia um Administrador

Inspector para as Quintas da Bemposta, Caxias e Queluz e a escolha recaiu em Alexandre Rodrigues Ferreira, que chegou em 1793 do Brasil onde fez uma missão a pedido de D. Maria I - a qual se chamou Viagem Filosófica.

A partir de 1795, pela análise das contas e dos Inventários que Alexandre Rodrigues Ferreira elaborou, é claro que se caminha rapidamente para a conclusão do edifício do Paço Real de Caxias. A aquisição do mobiliário, a pintura das telas quer do quarto quer da sala, a compra de baixela de cobre, dos instrumentos de cozinha, de cortinados deixam perceber que estaria perto da inauguração do Paço Real de Caxias.

1) O pintor Manuel Gonçalves não faz parte dos pintores decorativos mais conheci-



dos que trabalhavam para a Casa Real no século XVIII, há, no entanto, duas referências que podem contribuir para um melhor conhecimento deste pintor.

Em junho de 1789 um pintor chamado Manuel Gonçalves trabalhou no Paço da Quinta de Baixo. Em 1792 trabalhou durante todo o ano um pintor chamado Manuel Gonçalves no Paço Real de Belém.

Por amável indicação do Sr. Prof. Vitor Serrão, que agradeço, um pintor chamado Manuel Gonçalves Vital, em outubro de 1758, pintava a casa da fazenda do Hospital Real de Todos os Santos.

Talvez nestas duas hipóteses resida a identificação do pintor das telas de Caxias.

Prof. Carlos Beloto

FUNERÁRIA DE PAÇO DE ARCOS



R. José Pedro Silva, n.º 2-B, 2770-107 Paço de Arcos - Tel.: 214 418 291

Aristides Peixoto
Telem.: 919 711 023



E-mail: gestifunebre.pacodearcos@gmail.com

Pastelaria Oceania, 64 anos a adoçar as nossas vidas

Inaugurada em 3 de Maio de 1952 pelos irmãos Mário, Serafim e Albano Neves, com o apoio das suas irmãs Maria, Júlia e Isabel Neves, a Oceania continua a ser a mais famosa Pastelaria de Paço de Arcos.

Orfãos de pai muito cedo, foram chegando a Lisboa à medida que completavam a instrução primária. Oriundos de uma aldeia isolada, de clima agreste e condições de vida difíceis “os palmiros” (eram assim carinhosamente conhecidos por serem filhos da excepcional tia Palmira) foram aprendendo o ofício numa das mais conhecidas pastelarias da capital.

A qualidade dos seus produtos e do serviço depressa conquistou uma clientela sólida e variada. Era a Pastelaria de referência:

Isabel Neves recorda “servíamos os lanches quando havia eventos importantes no Concelho, entre eles um lanche oferecido no Forte das Maias à Princesa Margarida de Inglaterra”. “Aqui os clientes são considerados como família, alguns já vêm de várias gerações”.

Nos anos 60 ficaram famosos os “bifes à Oceania”. Também famosos desde o início e imagem de marca são os “sticks” criados para homenagear os grandes campeões de hóquei em patins da terra (Emídio Pinto, Jesus Correia e Correia dos Santos). Nos anos 70 começam a fabricar o folar brigantino. Os anos foram passando e alguns dos irmãos foram saindo do negócio. Assim nos anos 80 ficaram os sócios Serafim, Má-

rio e Isabel. Mais tarde entram para a sociedade José António Castro e o pasteleiro David Balão que trabalham na casa há 46 e 26 anos respectivamente e que gerem actualmente a Pastelaria após Isabel Neves se ter reformado em 2015, embora continue como sócia.

A tradição e a qualidade continuam a ser os pontos de honra desta casa. Aqui fabrica-se tudo de A a Z : da pastelaria tradicional a todas as iguarias de Natal passando pelos saborosos pãezinhos. Delícias da casa, delícias



CAFÉ
PASTELARIA
OCEANIA, LDA.
FABRICO PRÓPRIO



Especialidades em: Sticks, Bolo de Rei, Trouxas e Folar Brigantino

Av. Patrão Joaquim Lopes, 7-A • Telef.: 214 432 303 • 2780-616 PAÇO DE ARCOS

Oceania, telhas, trouxas de ovos são algumas das principais referências.

A reabilitação do Centro Histórico de Paço de Arcos possibilitou a criação duma esplanada que será inaugurada brevemente.

A Oceania está aberta diariamente entre as 7h30 e as 20h00. Fazemos votos que continue a adoçar-nos a boca por muitos anos com a mesma qualidade e simpatia.

Helena Reis

Manloc - Oficina Automóvel e Moto

Eduardo Manuel Salavissa Martins, profissionalmente conhecido por Eduardo Martins, nasceu em Lisboa, mas desde muito pequeno que reside em Caxias, terra de residência de seus pais e avós, famílias bastante conhecidas, e muito consideradas por quem com eles se relacionavam, ou ainda se relaciona, no caso do pai e da mãe, já que os avós já não estão entre nós.

O seu pai, também Eduardo Martins, foi empresário, está reformado, e atualmente, como pai e avó, é à família que dedica o seu tempo e preocupações. A sua mãe, Alda Salavissa, foi representante em Portugal, duma multinacional da área da moda, está, também, a usufruir da merecida reforma, para além do apoio à família.

A preparação, que o trouxe à sua atual

situação de empresário, começou com o ingresso no Colégio Planalto, onde faz o décimo segundo ano, após o que cursa

Engenharia Mecânica, no Instituto Politécnico de Setúbal.

Obtida a licenciatura entra na vida profissional, começando como engenheiro na Sorefame, onde participa na construção das carruagens para o Alfa Pendular. Passa, ainda, pelas OGMA, mas não fica agradado com a experiência, e decide iniciar um projeto próprio.

Assim, em 2004, cria o seu primeiro estabelecimento de oficina de reparação

automóvel, na garagem e jardim da sua própria casa, onde cria 3 postos de trabalho, e se mantém durante 11 anos.

As exíguas instalações, as dificuldades de estacionamento com inerente incómodo





Tel.: +351 216 072 206
Estrada da Cartuxa, 10 - 2760-022 Caxias
e-mail: geral@manloc.pt www.manloc.pt

da vizinhança, e o aumento constante de clientes, e volume de trabalho, levam o nosso jovem Engenheiro e empresário a decidir procurar instalações com melhores condições para poder continuar a desenvolver o seu negócio. Assim, começa uma aventura que só termina à sexta tentativa. As anteriores tentativas, cinco, ficaram pelo caminho por não satisfazerem os critérios dos respetivos serviços camarários. As exigências eram tais que obrigavam a que o caminho a tomar fosse a desistência.



Por fim surge a grande oportunidade, adquirir as atuais instalações.

Tratava-se de uma antiga unidade industrial, há muito desativada, e que em tempos fora uma oficina de trabalhos em pedra, e posteriormente fábrica de produtos de beleza das firmas Henry Colomer, primeiro, e Rui Romano, depois. Foi possível chegar a acordo com esta última firma, proprietária do imóvel, e obter as necessárias aprovações da CMO, após muitas negociações e perante os estudos de viabilidade económica e financeira, e a elaboração do projeto de arquitetura de adaptação do edifício às suas novas funções.

Executada a obra, surge um edifício moderno, funcional e de qualidade respeitando, no possível e recomendável, a traça original que o mantém perfeitamente in-

tegrado no conjunto em que está inserido, com pequenas vivendas, Convento da Cartuxa e um prédio de habitação, já bastante antigo, com que confina.

Por fim, em Março de 2015, aconteceu, finalmente, a inauguração, foi um momento de júbilo. Estava concretizado o grande sonho do empreendedor Eduardo Martins, novas e adequadas condições para desenvolver as suas capacidades de realização. Como grande novidade foi criada a seção de reparação de motos e pneus.

Aos já fidelizados clientes juntaram-se muitos novos, o que fez aumentar o volume de trabalho, e consequentemente o número de postos de trabalho, que duplicaram, passaram de três a seis, e transmite confiança para encarar o presente e

acreditar que, apesar de todas as crises que afetam a economia, e o ramo, o futuro será risonho e que com muito trabalho, certamente, continuará a crescer e a aumentar o número de postos de trabalho.

Os ingredientes para o sucesso estão lá, só é necessário que fatores externos não venham perturbar e provocar dificuldades não previsíveis.

Caxias está mais rica, são exemplos destes que precisa para fortalecer o seu tecido económico e proporcionar melhores condições de vida a quem cá vive ou cá trabalha.

Que outros lhe sigam o exemplo. Ficamos à espera de o poder anunciar.

Parabéns Eduardo.

José Marreiro

A verdade nunca mente Os incêndios

Penso que ninguém ficou indiferente, e até com o coração a “sangrar”, com as imagens dos incêndios, que lavraram nos vários distritos do nosso País, ao longo deste verão.

Gostaria em primeiro lugar, enviar a nossa solidariedade para tão grande calamidade.

Não podemos assobiar para o lado, perante a destruição da nossa flora e fauna, e que se não forem tomadas medidas mais adequadas, Portugal, poder-se-á transformar num deserto.

Observamos a audácia dos corajosos bombeiros com ajuda dos populares, no “salvamento”, das populações indefesas, perante o risco de vida e de perda do fruto do seu trabalho e das poupanças ao longo de anos de sacrifício, que desesperadamente vêm esfumar num ápice.

De fato esta situação “revolta”, ao verificarmos a impotência na gestão governamental e outras, que as populações confiam para o seu bem-estar social.

Ouvindo e vendo os noticiários televisivos, esse trágico flagelo, que nos tem assolado, os depoimentos dos comandantes dos bombeiros, dos engenheiros florestais e outros especialistas, têm revelado estudos desde o 25 de abril de 1974, e que os relatórios passa pelos gabinetes dos decisores políticos e os mesmos parecem ficar enalhados nas gavetas. Perante tal situação, quais são os obstáculos?

Provavelmente não será só de razão financeira, mas também de falta de vontade do poder político. Nestas alturas, existe uma palavra gasta, que todos pro-

nunciam com a boca cheia, mas de imediato a esvaziam que é a “PREVENÇÃO”.

Sendo Portugal detentor de um rico património

natural, que nos últimos anos tem sido devastado por incêndios, a proteção das mesmas são feitas por guardas florestais e os vigilantes da natureza. Fiquei impressionado, quando soube que para todo o país existiam pouco mais de meia centena de guardas e centena e meia de vigilantes. O valor que se gasta para dominar os incêndios, dava e sobrava, para investir nessas nobres categorias profissionais.

O que se passou na Madeira, foi horripilante. Quatro mortes e mais de mil deslocados. Houve de imediato um aproveitamento político à custa do sofrimento da população. Será que os governantes vão cumprir com o prometido?. Estamos cá para ver.

Haveria muito mais para dizer. O que não foi dito, cada um de nós poderá complementar com a sua consciência.

Felizmente nem tudo é mau. Gostaria de enaltecer o trabalho dos Soldados da Paz, do nosso concelho de Oeiras, pela forma abnegada como tem desenvolvido o seu trabalho, para descanso e conforto das suas populações. Muito Obrigado.

Luís Álvares



Dois mundos num só mundo

Fruto do acompanhamento frequente a um familiar que tanto prezo, passo muitas manhãs na sala de espera de um hospital da área de Lisboa.

Da última vez aproveitei as horas que aguardei pelo atendimento para, com mais minúcia, refletir no desenrolar dos acontecimentos díspares passados naquele exíguo espaço.

Por um lado, com amargura, vi... Surgir um senhor de meia-idade, com postura débil, que estendendo a mão aos presentes, em cordial cumprimento, expressou os desejos de melhoras para de seguida, realizando uma segunda volta, pedir uma moeda para suprir as suas carências financeiras.

A chegada de um técnico, sem ferramentas, com o intuito de reparar o indispensável quadro elétrico indicativo das chamadas para as consultas, tarefa que, malgrado, só ficou concluída ao início da tarde, depois da passagem de vários funcionários pelo local.

A entrada de um recluso acompanhado pelos guardas prisionais que ficou exposto, no meio da sala, aos olhares curiosos dos doentes e acompanhantes. A passagem com azedume e a desoras, de uma empregada conduzindo um carro, de avultadas dimensões, para proceder à limpeza das casas de banho. A aproximação de uma idosa, sem acompanhante, alquebrada pelas vicissitudes da vida, que a todos pedia indicações, sem nexos, não obtendo quaisquer respostas. Duas utentes que certamente há muito não se viam utilizando o espaço como área de convívio, aproveitavam a oportunidade para, em voz bem alta, atualizarem a história das suas vidas.

Por fim, um adolescente falou ao telemó-

vel, durante tempo sem fim, de forma a que os presentes ficassem conhecedores dos problemas íntimos do amplo leque dos seus amigos.

Em contrapartida, durante igual período de espera, com que satisfação me deparei com.... A chegada de uma jovem risonha que acompanhava, certamente, a avó numa cadeira de rodas e a mimoseava com atenções e carinhos.

Uma mãe que vendo uma doente apoiada nas canadianas mandou, prontamente, o filho levantar-se para lhe dar o lugar.

A funcionária, simpática, que no balcão de atendimento resolvia os problemas de forma simples e eficiente.

A enfermeira que, de braço dado, encaminhava um paciente para a sala de tratamentos. A auxiliar que ensinava a utilizar a máquina automática das garrafas de água e sumos. As voluntárias que, de forma gratuita, serviam aos utentes café, leite, chá e biscoitos. A senhora sentada num canto da sala que, de forma discreta, rezava o terço. Por último, a ação da excepcional equipa de médicos que desde sempre nos tem acompanhado.

De regresso a casa, naquela tarde soalheira, para o almoço em horas já bem perto do lanche, tive o sentimento que o ambiente vivido no hospital refletia, profundamente, a nossa própria vida.

Deus criou-nos livres para que as opções de comportamento fossem por nós escolhidas. E eu? E vós? A que mundo queremos pertencer destes dois mundos?



Silvino Valente

ALMEIDA, Padre Teodoro de – Esta personalidade histórica deixou o seu nome mais ligado ao Conde de Oeiras, do que, propriamente, à vila do mesmo nome, no entanto, tratamos aqui a sua biografia, para que se possa aquilatar das diversas facetas da personalidade do Marquês de Pombal.

Padre da Congregação do Oratório de Lisboa, nasceu nesta mesma cidade a 7 de Janeiro de 1722. Deixou o seu nome ligado à introdução da ciência experimental e ao espírito do século XVIII em Portugal.

Entrou na citada congregação com treze anos, onde estudou Humanidades, Geografia e Física, tendo nesta última disciplina como professor, o padre João Baptista de Castro, a primeira pessoa a ensinar Física Experimental no nosso país.

Com vinte e quatro anos, foi nomeado substituto na cadeira de Filosofia na sua congregação, onde cinco anos mais tarde era já efectivo, tendo publicado neste período o primeiro tomo da Recreação Filosófica. A sua ascensão fulgurante no magistério e no púlpito, trouxeram-lhe os primeiros problemas com o Marquês de Pombal, de que foram também vítimas os frades oratorianos João Baptista, João Chevalier e Clemente Alexandrino.

Iniciou, então, o padre Teodoro de Almeida, uma fuga que durou toda a sua vida, para escapar à perseguição implacável do Conde de Oeiras. Foi, primeiro, para o Porto, onde a congregação possuía uma



casa, dedicando-se ao apostolado e à escrita dos volumes V e VI da já citada Recreação Filosófica.

Em 1786, tem de trocar a cidade invicta pela Galiza, para continuar a fugir à perseguição que Sebastião José lhe continua a mover, o qual ordenou a sua prisão e imediato regresso a Lisboa, com a ridícula acusação de que se encontrava louco.

Devido à fuga precipitada, Teodoro de Almeida não levava consigo os seus papéis de identidade, pelo que foi alvo da severidade do bispo de Tui, tendo por isso que recorrer à caridade. Nesta adversidade, os amigos pediam-lhe que se refugiasse na Holanda, o que fez a partir de Vigo, a 26 de Novembro de 1768, onde embarcou para San Sebastian.

Acompanhado pelas autoridades espanholas à fronteira, o padre Teodoro de Azevedo alugou um quarto em Baiona (França), onde veio a abrir um Curso de Filosofia. Foi por esta altura que lhe veio

CONTACAXIAS

Organização e Gestão de Empresas, Lda

PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS DE:

CONTABILIDADE
IMPOSTOS (IRS, IRC, IVA, ETC.)
PROCESSAMENTO DE SALÁRIOS E SEGURANÇA SOCIAL
PROJECTOS DE INVESTIMENTO
AUDITORIA

Rua Ernesto Veiga de Oliveira, 18 D 2780-052 Oeiras

Telf. 214461740/8 * Fax 214461749

a ideia de escrever a sua obra. O Feliz Independente do Mundo e da Fortuna, ou Arte de Viver Contente em Quaisquer Trabalhos da Vida, a que dedicaria uma dúzia de anos, e onde tomaria como principal objectivo a moralização, ao mesmo tempo que, procederia à miscelânea com três componentes fundamentais, a ficção, a História e, a divulgação científica.

O magistério de Teodoro de Almeida agradou de tal modo aos franceses que, começou a receber convites para leccionar em Auch e em Brest. No entanto, o Marquês de Pombal não desarmava da sua perseguição, procurando expulsá-lo de França. Por duas vezes, o governador de Baiona recebeu ordens de Paris para o expulsar, porém, a amizade que entretanto granjeara, fazia com que se refugiasse por uns dias numa quinta, voltando depois ao desempenho das suas funções pedagógicas. Nesse intervalo de tempo, o próprio governador de Baiona, já conquistado pelo grande coração de Teodoro de Almeida, comunicava o desaparecimento deste último às autoridades centrais de Paris.

Cansado deste jogo do gato e do rato, Teodoro de Almeida decide aceitar o convite para exercer o magistério em Auch, onde abre cursos de Física, Geometria e Geografia, que duram até 1777, ano em que devido à morte do rei D. José I, e consequente queda da autoridade política do Conde de Oeiras, pode regressar a Portugal, retorno que inicia no último dia desse mesmo ano.



Chega a Madrid esgotadíssimo, facto que o obriga a restabelecer-se aí durante um mês, entrando por isso em Lisboa, somente a 13 de Março do ano seguinte, após dezasete anos de exílio político.

Entre as suas principais obras, para além da já referida, *O Feliz Independente*, citaremos, *A Recreação Filosófica* ou *Diálogo sobre a Filosofia Natural para Instrução de Pessoas Curiosas que não Frequentaram as Aulas* (10 tomos, publicados de 1715 a 1799), que foi em Portugal o primeiro manual de Ciências Físico-Naturais, com o objectivo de vulgarização; *Cartas Físico-Matemáticas* de Teodoro a Eugénio (3 tomos), assinados com o pseudónimo de Doroteo de Almeida; *Sermões*, 1787, 3 t.; *O Pastor Evangélico*, 1797, 4 t.; *Meditações dos Atributos Divinos*, 1796, 4 t.; o poema *Lisboa Destruída*, 1803; para além de muitos outros trabalhos, alguns manuscritos.

José Lança-Coelho

Luis Coelho

VIDROS
ESPELHOS
MOLDURAS

R. Dr. Manuel Rodrigues, Loja 6
– Ed. Mercado Caxias –
2760-048 CAXIAS
Tel.: 21 442 62 15
Tlm.: 96 955 73 84

União de Freguesias de Oeiras e São Julião da Barra, Paço de Arcos e Caxias comemorou o 3.º aniversário

Decorreram no passado dia 16 de Outubro as comemorações do 3.º Aniversário da União de Freguesias de Oeiras e São Julião da Barra, Paço de Arcos e Caxias Tiveram início com o Hastear das Bandeiras junto ao Edifício Sede da União de Freguesias, seguindo-se depois a sessão solene no Auditório da Assembleia Municipal de Oeiras.



Após a intervenção do Senhor Presidente da mesa de Assembleia da União de Freguesias - Miguel Campos, deu-se início às intervenções das forças políticas com assento na Assembleia de Freguesia na seguinte ordem: Pelo CDS - Jorge Ribeiro Mendonça; pelo BE - Nuno Vilhena; pela CDU - Rui Capão; pelo PS - António Moura; pelo PSD - Nuno Luís; e pelo OMAF - José Sousa Gomes.

Usou também da palavra o Senhor Presidente da União de Freguesias José Eduardo Neno e terminou o ciclo de intervenções o Senhor Presidente da Câmara Municipal de Oeiras, Dr. Paulo Vistas.

Nesta Cerimónia foram homenageados 5 cidadãos ilustres e 4 Instituições. As participações sociais e as várias manifestações de cidadania foram motivos suficientes

para que esses homenageados recebessem de forma legítima e distinta, os títulos propostos. Os homenageados contribuíram e contribuem para que nossa comunidade siga de mãos dadas com os bons princípios e

a vontade de construir uma vida melhor e ainda como modelo de progresso e cidadania. Os homenageados foram:

Título Cidadania e Solidariedade

Maria Gabriela Tavares, José Norberto Machado, Associação de Família Solidária de Oeiras e Centro Nuno Belmar da Costa

Título: Arte e Cultura

Espaço e Memória – Associação Cultural de Oeiras,

Título: Empreendedorismo

Maria do Rosário Almeida

Título Desporto

Clube Desportivo de Paço de Arcos – Secção De Pesca,

Por bons serviços à comunidade

José Ezequiel e José Carlos de Oliveira.

Conviver é uma atitude que precisa ser muito bem administrada, em todos os âmbitos de nossa vida. Valorizar e reconhecer o que temos de melhor é imprescindível para que sejamos grandes seres humanos.

Nota elaborada pela UNIOEIRAS

Quitanda

FUNDAÇÃO em 1973

**AMBIENTE
FAMILIAR**

RESTAURANTE E CERVEJARIA

EM FRENTE À ESCOLA NÁUTICA

Especialidades

COZIDO À PORTUGUESA

(ao Domingo)

Av. Engenheiro Bonneville Franco, 8 - A — 2780-567 PAÇO DE ARCOS — Tel. 21 443 53 66

O Bando

Em 1974, com o entusiasmo gerado pelo 25 de abril desse ano, Algés, como aliás aconteceu em todo o País, viveu uma grande euforia, e um movimento criativo e empreendedor que levou à criação de muitas cooperativas nos diversos sectores económicos. De entre elas destacamos a Cooperativa de Produção Artística, Teatro e Animação O BANDO, que teve em João Brites e Jorge Barbosa, entre outros, figuras de destaque.

O objeto primeiro de O BANDO era produzir teatro para crianças que os formasse para se tornarem adultos exigentes e participativos.

No presente este grupo está instalado em Palmela, para onde se mudou em 2 000, e mantém os mesmos princípios no combate à uniformidade da representação, criando as mais diversas cenas, nos diferentes cenários possíveis.

José Marreiro

Companhia de actores

Uma companhia com mais de 10 anos de existência. No seu percurso contam-se várias produções teatrais, inúmeras horas de formação e a produção de eventos de significativa dimensão, como o MITO - Mostra Internacional de Teatro de Oeiras e POEIRAS da Língua Portuguesa no Parque dos Poetas, Oeiras. Fruto do seu trabalho, a CDA foi já agraciada com: Medalha Municipal de Mérito - Grau Prata - Câmara Municipal de Oeiras 2010

Projecto Ampliarte - Prémio “Boas práticas autárquicas” - Fundação Calouste Gulbenkian 2008. Atualmente, a CDA gere o Teatro Municipal Amélia Rey Colaço, em Algés.



Zum Zum Bararibê
| Teatro para bebés
16 out a 18 dez, todos

os domingos | 11h

O ABC das 4 estações para crianças dos 3 meses aos 3 anos num espetáculo sensorial que estimula competências cognitivas, a imaginação, a linguagem e a expressão afetiva.

Criação: António Terra e Sandra José; Encenação: António Terra; Interpretação: Sandra José

*Este tipo de espetáculos têm sido nomeados para vários prémios de entretenimento para famílias, nomeadamente, os PUMPKIN AWARDS (Dra. Natacha Santos.)

Fred Martins, 12 nov | sáb | 21h30

Compositor de grandes sucessos, imortalizados por nomes como Ney Matogrosso, Maria Rita ou Zélia Duncan, é sem dúvida



um dos grandes nomes dos artistas da sua geração.



Projeto Madura, 15 nov | terça | das 15h às 16h30

Projeto de

Intervenção Cultural e Artística onde as linguagens da Dança, Teatro, Cinema, Literatura, Música serão instrumentos de ação /experimentação, fruição e construção, com apresentações pontuais dos processos criativos à comunidade.

Destinado a mulheres e homens maduros (+55 anos).

Oxalá, 18 e 19 nov | Sex e Sáb | 21h30

Podia ser um espetáculo sobre a memória, mas é mais sobre a falta dela. Também podia ser sobre o amor, mas é algures sobre a falta dele. É um percurso pelos momentos



marcantes desta pequena família de três, atravessando tempos e espaços, mas sem sair do mesmo sítio.

Produção: Joana Chandelier e Mara Guerreiro; Encenação: Pedro Luzindro; Interpretação: Elisabete Pedreira, Joana Chandelier, Mara Guerreiro



Domingo a cordas apresenta Orquestra Nova de Guitarras, 27 nov | dom | 17h

*A parceria com a Academia da Guitarra

assenta na concretização do concerto “Domingo a cordas”. Todos os últimos domingos de cada mês, pelas 17h00, no Teatro Municipal Amélia Rey Colaço.



Raquel Marques, 3 dez | sáb | 21h30
Raquel Marques, cantora e guitarrista,

acompanhada por Carlos Sérgio ao piano, interpretaram, neste concerto, repertório brasileiro e português. Um encanto por todo o seu valor musical e poético.

*Além de toda a programação a Companhia de Actores promove formações pontuais, como é o caso do Clube de Teatro Jovem (normalmente a decorrer ao longo de todo o ano letivo), Oficinas de Teatro (leccionadas por atores convidados de renome), Curso de Iniciação à Stand up Comedy, entre outros.

Em paralelo com esta função educativa, a Companhia de Actores tem também uma missão social, desenvolvendo e acompanhando projetos que envolvam na sua ação a comunidade onde pertence. Grande exemplo disso é o Projeto Madura (referido anteriormente).

COMPANHIA DE ACTORES

José de Castro



Embora não nos encontremos há 39 anos, altura em que nos deixou, não é razão para que o trate por tu, como aliás nunca o fiz. Uma das razões deste facto é a enorme

admiração que sempre tive pelo grande e inesquecível actor que o José de Castro foi. Tenho sempre afirmado que o senhor para mim (e não só) foi o maior actor do século XX em Portugal.

Este simpático e útil jornal que se chama “Voz de Paço de Arcos” foi fundado por um grande admirador seu que se chamou Joaquim Coutinho. Este nosso amigo sempre lutou para que aqui a figura de José de Castro nunca seja esquecida. Este periódico está novamente a surgir das cinzas, com as dificuldades habituais da imprensa regional. Tem ao leme uma mulher de armas que se chama Maria Aguiar. É uma das grandes admiradoras do seu talento como actor e como figura humana.

José de Castro

Na sua ausência, o povo do Concelho de Oeiras elegeu, durante alguns anos, como presidente da Câmara Municipal de Oeiras, uma figura polémica que se chama Isaltino Morais. A este autarca se deve a concretização da estátua com que o povo

de Paço de Arcos o imortalizou, assim como a rua com o seu nome e a fotobiografia da autoria do escritor Fernando Dacosta. Quando da inauguração da estátua-memória, este autarca afirmou, perante o povo que assistia, que iria tratar de encontrar um espaço cultural, ao qual daria o nome de José de Castro. Acontece que já passaram 39 anos da sua ausência e, depois deste autarca, mais nenhum teve por si a admiração e respeito que o José de Castro merece. Os seus colegas, os seus conterrâneos e as novas gerações de actores que ouvem falar do seu talento, estão indignados. As promessas “falsas” do espaço cultural com o seu nome tem sido uma mentira constante. O local com projecto aprovado seria (será) na descida da antiga estação dos comboios, artéria que você descia e subia quando vinha do teatro.

Meu querido amigo, em 2017 os munícipes irão votar em novas eleições para a autarquia. Será que desta vez a promessa do Auditório José de Castro será uma realidade? Normalmente no período de eleições os intelectuais são muito “acarinhados” pelo poder. Como seria extraordinária, numa inauguração do espaço com o seu nome, a presença dos seus colegas de teatro que não esquecem e continuam a afirmar o enorme talento do José de Castro. Um abraço amigo

Teatro Experimental de Cascais, João Vasco



Ao leme: António Joaquim Lopes

Restaurante com vista panorâmica
Salas para casamentos, reuniões e congressos

(Encerrado à 2ª feira)

Alameda Hermano Patrone, 1495 Algés (jardim de Algés) | Tel.: 214 118 350/8 | Fax: 214 118 359 | e-mail: caraveladouro@sapo.pt

Balada ao meu amor

Dorme, dorme amor, paz à tua alma
 Aí na montanha podes sossegar
 Nesse sítio lindo onde vais ter calma
 Sei que vais esperar-me até eu chegar...

Dorme amor, no meio das flores,
 Sonha com amor,
 Lembra-te de mim...

Dorme amor, lembra o mar
 Ouve o som desta dor
 Recados te vai levar
 Dorme bem, meu amor...

Dorme, dorme amor, no meio d'estrelas
 Elas te encaminham pela estrada nova
 Aconchegadinho aí, junto delas
 Pensa na saudade que em mim se renova.

Dorme amor, reza por mim
 Entra no meu sonho pela madrugada
 Não sofras nesse jardim
 Transporta-me paz, pra estar sossegada.

Rosângela

Definição evita confusão

Freguês, pode ser sujeito de má nota,
 Autarca, pessoa do mundo camarário
 Trabalhas na ferrugem, és operário,
 vives na mentira, fazes batota!

Freguês, natural duma freguesia,
 Autarca, personagem perto do povo,
 O considerado velho, já foi novo.
 Quem nega DEUS , pratica heresia.

Amas a Realeza, és adepto da
 Monarquia,
 O tirano, governa com fel no coração,
 O Democrata, respeita a maioria.

Ateu, não tem amor pela religião,
 Padre, exorta ao bem na homília,
 Político, deve ser leal à Nação.

Júlio Viegas

Como dói o tempo a passar lá fora,
 O canto dos pássaros, o bulício morno
 do amanhecer...

Como dói a ausência de palavras,
 Os abraços que não se fecham,
 Entre desejos que morrem sem
 nascer...

Como dói todos os beijos não dados
 Esta vida por viver...

M.G.



Av. dos Fundadores, 59-A
 12770-072 PAÇO DE ARCOS
 Tel. 21 441 02 85

A chegada

Estava na tua boca
era pele, a tua necessidade
a terra quente e sedenta
a tormenta,
a foz do rio onde tudo era luz e nada,
desespero.
Arrasto a hora desvairada
e a boca morde-me os teus beijos,
palavras rudes, doces, cortadas.
O corpo é profundidade, voz estranha,
e, derramado, há sexo
no cais da maravilha.

A seguir eu não existia.



Edgardo Xavier

Sadomas Montonaga



Da ilustração
Amarelo

Era um monte, era uma ilha
um falo ou heresia ?
Estava nele quem subia
quem de grande ia
pelo desejar ao veneno.

Marcado estava o vento
vento com aromas de rio
e o que havia era nada e tanto
um quente hálito de Sol.

Edgardo Xavier
(crítico de arte A.I.C.A. Portugal.)



Sol da Barra Terrace
Restaurante

Rua Manuel Viegas Guerreiro, nº 27 A
2770-193 Paço de Arcos
Telef.: (+351) 214 418 935
Telem.: (+351) 926 560 124
soldabarraterrace@gmail.com

COM PARQUEAMENTO
N 38°42'39.00" | W 9°17'24.00"



Sol da Barra
restaurant

ESCOLHA

GRELHADOS NO CARVÃO - PEIXE OU CARNE
FRANGO NO CHURRASCÓ
COZINHA TRADICIONAL PORTUGUESA
PETISCOS, VINHOS, CERVEJAS...

TAKE AWAY

ENTREGAS AO DOMICÍLIO

TEL: 214 435 923

Rua da Figueirinha, 5-A | 2780 - 015 OEIRAS

ACEITAMOS
MB VISA

O mê adufe

Mê cavalo diz que vai,
mê cavalo assim me guia,
vou tocar o mê adufe
no rancho Penha Garcia.
Mê cavalo assim me leva,
mê cavalo assim me guia,
vou lá ver o mê amor
no rancho Penha Garcia.
Soa os cascos no compasso,
ao subir Penha Garcia,
mê cavalo troca o passo,
mê cavalo assim me guia.
Toco lá o mê adufe
que também me faz bailar,
vou lá ver o mê amor
e com ela vou casar.
Toco adufe lá no baile
acompanho as adufeiras,
no rancho Penha Garcia
acompanho as cantadeiras.
Vai o rancho pra Monsanto,
Vai o rancho pra Idanha.
mê cavalo troca o passo
mê adufe me acompanha
Mê cavalo pachorrento,
sobe a serra sem parar,
levo adufe, pra sustento,
mê sustento a bailar.
Vou até Penha Garcia
se o cavalo lá chegar,
vou bailar com o mê amor
mê adufe vou tocar.

Quilhosa Balsas

Alexandra, recordando Tchekhov

Contemplei-a naquele dia de Verão
tal como Personagem renascida
num romance:

Sorriste para a aceitação do
Amor, assim tão simplesmente te
entregavas confiante

apenas na doçura dum beijo um
apenas

breve e sem qualquer espécie de
complicação!

Ahhhh! Não poder eu ser assim....

Jamais fui simples e nunca
compreendi o Amor!

Apenas a paixão tumultuosa
me arrastou para momentos
de esplendor logo seguidos de
inquietação!

E... no entanto verifico agora tantos
tipos de Amor

Convivendo na paisagem íntima
desnudando o EU aprisionado em
veias sangue e pele.

Viverei ainda um dia um só dia mais
aquecendo o meu corpo envelhecido
com a luz do SOL !

Graça Patrão



RESTAURANTE PARAÍSO DE CAXIAS
Take-Away

Estrada da Gibalta, N.º 18, C. Comercial, loja 4 CAXIAS
Telef.: 216 015 752 Telem.: 914876 154

A vida é ganhar e perder

GANHA-SE o primeiro choro
O abrir dos olhos, o peito da mãe
O estranho do espaço, do ar respirado
E um primeiro momento de vida
Naquilo que mundo para nós tem
Ainda não querido nem desejado
Numa carícia que se repete sentida
O começo, quem sabe, dum amanhã.
GANHA-SE o pranto no sucesso
Do deslumbre de haver nascido
E como fonte límpida há um berço
Com beijos sôfregos e abraços
Um mágico som já destemido
Que ainda não tem poema nem verso
Nos perfumes carnis dos regaços
Numa doçura sedutora mas não vã.
GANHA-SE o espaço em volta
Para expandir, atingir a gatinhar
Num sem fim de movimentos
Que vão até ainda bem perto
O descobrir mais e alcançar
Em vitórias, bons momentos
Num percurso ainda incerto
Que a leva nos pés se equilibrar.
GANHA-SE o gargalhar de criança
Num amor que vai crescendo
Na força poderosa da mente
Que se vai aperfeiçoando
No parque infantil, na escola
Mostra já o que é ser inteligente
Construindo e engendrando
Formas e gestos em crescimento.

GANHA-SE o correr dos anos
A puberdade, já se sente, aí vem
Ondas de um mar em nós agitado
Uma troca e aproximação no olhar
Uma sedução, um desejo doutro alguém
Um beijo breve – namorada ou
namorado
Que faz adulto ser, que faz adulto ficar
Nos diálogos, na troca de sentimentos.
GANHA-SE um futuro em cada lua nova
Um sentido de aprumo e de orientação
Agora como pais, e avós, uma outra
visão
E um renovar dos tempos sempre
incerto
As engelhas, as cãs, na velhice a gratidão
De se ter percorrido o que já não está
por perto
Trazendo dentro do peito o apelo a cada
canção
Até ao dia final – quem sabe quando,
como ou onde.
PERDE-SE tudo o que se ganhou
O ar que nos sustentou, o tempo que nos
devorou
Os avós, os pais, os tios, que enfim nos
rodeavam
Cada paixão que pelo caminho ficou
Vozes, gestos, lágrimas, risos, que nos
animavam
Cada ensejo de paz e cada esperança
que nos tocou.

Mário Matta e Silva



 **institutoptico**

Ofetalópticas

OEIRAS
214 425 100

PAÇO DE ARCOS
214 422 717

MOINHO DAS ANTAS
214 427 944

FÓRUM OEIRAS
21 441 59 16

WWW.OFETAL.PT  OFETALOPTICAS

O ponto

Ponto é o lugar de intercessão entre duas linhas. Pode ser a pinta ou uma pequena mancha arredondada e de superfície indeterminada. Pode ser o lugar, o sítio, o vértice, o momento, a altura, o instante, o estado, o ponto de rebuçado, o ponto escrito, o ponto de exame, o ponto pérola, o ponto pé de flor, o ponto de conflito, o ponto de honra, o ponto de partida, o ponto de chegada, o ponto de vista, o ponto nevrálgico, o ponto em branco, o ponto

morto dum motor, o ponto no dominó ou no dado. Também pode ser um sinal ortográfico de admiração, exclamação ou interrogação. Há quem chegue em ponto, quem ponha os pontos nos is, seja um bom ponto, quem considere ponto assente, quem faça o ponto no teatro, quem marque o ponto ao entrar para o trabalho, quem conte ponto por ponto e quem acrescente um ponto ao conto. Mas o melhor é pormos um ponto final na conversa.

Às voltas com o ponto

Em Ponto, aqui cheguei
Com Pinta e bem cheiroso
Na Mancha nunca toquei
Ao Lugar vim receoso

Sítio por mim conhecido
Vértice de encanto feliz
Momento muito querido
Altura certa e com cariz

Instante nunca pensado
Estado de Alma cansado
Em Ponto de rebuçado
Ponto escrito plagiado

Ponto de Exame marcado
De Pérola feito a primor
Pé de Flor encarnado
De Conflito sem amor

De Honra e gente fina
De Partida prós infernos
De Chegada repentina
De Vista e sono eternos

Nevrálgico sabor amargo
Em Branco cor inculpada
Ponto Morto descuidado
No Dominó pinta fadada

Sinal Ortográfico leitura
De admiração dúvida só
Exclamação firme textura
Interrogação e Ponto s/nó

Bom Ponto não é doença
Ponto Assente combinado
Marcar Ponto é presença
Pôr o Ponto em Rebuçado

Ponto Final na conversa
Que se alonga distraída
Esta, não sendo perversa
Contará coisas da vida

J.C

CHURRASQUEIRA
do Bugio
214 410 755

Horário:
10:00h. - 15:00h.
17:30h. - 22:00h.

Centro Comercial do Bugio (Frente à Segurança Social)
R. Alfredo L. Vilaverde, nº 19 - E - Lj. 25 - 2770-009 Paço de Arcos

Frango

- * Entremeadada (porco)
- * Espetadas (aves)
- * Entrecosto (porco)
- * Salsichas (tipo toscano)
- * Bacalhau
- * Coelho
- * Codornizes
- ...

* Só por encomenda

Temos MB

Encerramos à 2ª feira

No dia 19 de Novembro, pelas 16.30 h, no salão nobre da Biblioteca Municipal de Oeiras, o nosso editor José Lança-Coeelho faz uma palestra sobre, o 1º Centenário da Intervenção de Portugal na Grande Guerra de 1914-18, seguindo-se a apresentação do seu livro, «André Brun - Antologia de textos e anedotas sobre a Grande Guerra de 1914-1918» com a intervenção do escritor e ensaísta Miguel Real.



Também a 19 de Novembro, pelas 17 horas, vão passar algumas “Curtas Mergens” no Auditório César Batalha, no C. Com. Alto da Barra, Oeiras e para o acompanhamento musical foi convidado o quinteto da Universidade Sénior “Nova Atena”.



É de extrema urgência colocar um semáforo no final da Rua Luciano Cordeiro, quando a mesma desemboca na Rua 1º de Maio, ou mudar o local da passadeira para peões na Rua 1º de Maio, uma vez que, desde que o trânsito, em Paço de Arcos, foi alterado, o fluxo automobilístico aumentou de tal modo que, apesar da Rua Luciano Cordeiro, no local citado, ter um sinal de proibição de velocidade de mais de 30 Km/h, ninguém o cumpre, pondo em causa a integridade dos peões que atravessam na passadeira da Rua 1º de Maio, já que, a dita passadeira, é imediatamente, a seguir à curva que marca a passagem de uma rua para a outra.



Em Paço de Arcos, a CMO acaba de deitar abaixo uma barraca degradada, na

Rua José Fontana, onde eram feitos despejos de diversa ordem, que tornavam o local uma autêntica e insalubre estremeira. O referido local que, dá para a estrada marginal, apresenta agora um espaço limpo e convidativo a passeios.



Acontece nos dias 17 e 18 de Dezembro, das 10h às 18h30, na Paróquia de Paço de Arcos (Av. Senhor Jesus dos Navegantes, 1º andar) a 4ª Feira de Artesanato de Paço de Arcos.

Lá poderá encontrar Artesanato (pelas artesãs do concelho), produtos em 2ª mão, Gastronomia Portuguesa e exibição de Escolas de dança.



O Grupo de Leitores da Biblioteca Municipal de Oeiras vai ler e analisar o livro «The Empire» de João Valente, conconcorrente ao Prémio do Primeiro Romance, a realizar em França



Realizou-se mais uma vez no Auditório do COSFA o Concerto de Outono que a Orquestra de Câmara de Cascais e Oeiras e o seu Maestro Nicolau Lalov gentilmente oferece, todos os anos, à Delegação de Oeiras da Associação Coração Amarelo.



Como sempre o Auditório esteve cheio. As nossas expectativas foram superadas. As plantas gentilmente cedidas pela CMO e as gerberas amarelas, flor da delegação, emprestaram muita cor e calor a um já bonito Auditório. A Orquestra e o seu Maestro apresentaram peças belíssimas, finali-

zadas sempre por inúmeras palmas e até tivemos direito a um encore.

No fim saíram todos bem dispostos, a sonhar, a sorrir mas não indiferentes e não sozinhos. Foi um grande concerto de NÃO SOLIDÃO.

Maria João Catalão

RECEITAS DA AVÓ - Bacalhau à moleiro

(no tempo em que não se usava margarina)

Num pirex poem-se 2 postas de bacalhau, limpo de peles e espinhas, juntando 2 colheress de azeite, 2 de manteiga, louro, sumo de limão e 1 copo de vinho branco; indo ao forno coberto com papel. À parte, faz-se um refogado com manteiga, cebola, alho (só estalados) juntando 4/5 tomates, sem pele, nem gráinhas e bem pisados. Quando esta tomatada



estiver pronta, verte-se a mesma em cima do bacalhau assado, enfeitando-o com pimentos morrones e salsa picadinha. Para acompanhar este delicioso prato, fica muito bem batatas pequenas assadas no forno.. Já agora não esqueçam de acompanhá-lo com vinho tinto! e bom proveito!

Maria Aguiar



Um ambiente especial para os seus eventos

Tel 917 256 362 e-mail restauranteosraposos@gmail.com

Av. Salvador Allende, 85 C . Paço d'Arcos

38° 41' 53.6" N . 09° 17' 08.2" W

www.osraposos.com

Oeiras
tem muitas
idades

OUTUBRO
Mês do Idoso



#oeirastemmuitasidades